UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de
Handebol para o aprimoramento profissional

Rudney Uezu

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de
Handebol para o aprimoramento profissional

Rudney Uezu

São Paulo

2014

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: UEZU, Rudney

Título: Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

À minha família que sempre me apoiou incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir e oferecer as condições necessárias para cumprir mais esse sonho em minha vida.

À minha orientadora Profa. Myrian Nunomura por acreditar no meu potencial e sobretudo pelos ensinamentos e paciência ao longo do processo.

Aos professores Pablo Juan Greco e Walter Correia pelo auxílio e sugestões na condução do trabalho.

À minha família e em especial aos meus pais, Celhu Uezu (in memorian), Celina Teruyo Uezu e tias Tita Noriko Aoki, Sofia Suheco Aoki e Regina Satiko Aoki (in memorian).

Aos meus filhos queridos, Lucas Akira Uezu e Júlia Akemi Uezu por compreenderem meus momentos de ausência.

À minha querida companheira e parceira em todos os momentos Gizelli Rossi.

Aos meus amigos, que considero a família que pude escolher Luiz Alonso, Itamar, Erico Caperuto, Fábio de Oliveira Santos e Alexandre Ribeiro, ZUZA.

Aos meus queridos amigos que conheci ao longo de vida profissional e acadêmica Marcelo Massa, Luciana Bojkian, Luis Henrique Duarte, Tania Clarice, Eduardo Bacellar.

A minha grande amiga e confidente Mariana Harumi Tsukamoto pelas conversas e apoio em todos os momentos.

Aos membros do GEPETIJ e em especial a Profa. Maria Tereza Silveira Böhme pelos ensinamentos e orientações desde o mestrado.

Aos professores da EEFEU SP Luiz Dantas e Edson de Jesus Manoel pelos grandes bate papos e orientações.

Aos Professores Bernardes e Rabaça pelas oportunidades profissionais oferecidas.

À equipe da CBHb por disponibilizar o material e disposição a ajudar no que for preciso.

LISTA DE QUADROS

		Pág.
1	Conteúdos da formação de técnico avançado – NCCP	23
2	Matriz curricular do curso de Esporte da EEFÉUSP	43
3	Conteúdos referentes ao módulo Treinamento com Crianças	47
4	Conteúdos referentes ao módulo Treinamento Básico 2	49
5	Conteúdos referentes ao módulo Interações Cooperativas	49
6	Conteúdos referentes ao módulo Treinamento Técnico Tático Individual	50
7	Conteúdos referentes ao módulo Táticas de Equipes	50
8	Conteúdos referentes ao módulo Formação Básica 3	52
9	Conteúdos referentes ao módulo Táticas de Grupo	52
10	Conteúdos referentes ao módulo Táticas de Equipe	52
11	Conteúdos referentes a Licença Especial B/C	54
12	Conteúdos referentes a Licença A	55
13	Conteúdos referentes ao Bloco Comum da Formação de Técnico Esportivo	57
14	Conteúdos referentes ao Bloco Específico da Formação de Técnico Esportivo	58
15	Conteúdos referentes ao Bloco Comum da Formação de Técnico Esportivo Superior	59
16	Conteúdos referentes ao Bloco Específico da Formação de Técnico Esportivo Superior	60
17	Organização e Siglas dos Documentos Analisados	66
18	Organização das Licenças - ENAT	67
19	Conteúdos e Carga Horária para Licenças Estaduais	71
20	Conteúdos e Carga Horária para Licenças Nacionais e Internacionais	72
21	Matriz Curricular Preliminar do Curso de Especialização em Handebol	75
22	Organização Geral do Livro Manual de Handebol	77
23	Síntese dos Conteúdos Abordados por Grupos de Trabalho – IV	83

	ENPH	
24	Avaliação dos Participantes do IV ENPH	85
25	Conteúdos Apresentados no V ENPH	87
26	Síntese dos Resultados de Grupos de Trabalho do V ENPH	88
27	Avaliação dos Participantes do V ENPH	89
28	Conteúdos do VI ENPH	90
29	Conteúdos do VII ENPH	92
30	Avaliação dos Participantes do VII ENPH	93
31	Avaliação dos Participantes do VIII ENPH	95
32	Conteúdos do IX ENPH	97
33	Avaliação dos Participantes do IX	99
34	Conteúdos do X ENPH	100
35	Avaliação dos Participantes do X ENPH	102

LISTA DE GRÁFICOS

		Pág.
1	Perfil Acadêmico dos Participantes do IX ENPH	98
2	Perfil Acadêmico dos Participantes do X ENPH	101

RESUMO

UEZU, RUDNEY. **Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o Aprimoramento Profissional**. 2014. 114 f. Tese (Doutorado em Ciências). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

A formação do profissional do esporte no Brasil segue um modelo embasado na formação acadêmica, a partir da conclusão do curso de graduação em Educação Física e/ou Esporte. Embora seja uma formação com carga horária maior, em comparação aos modelos adotados no cenário internacional, observa-se que somente essa formação inicial não prepara o indivíduo adequadamente para sua atuação profissional. Nesse sentido, cabe ao indivíduo buscar ações específicas para seu desenvolvimento profissional especializado. Deste modo, o objetivo desta pesquisa foi analisar as iniciativas realizadas pela Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional, e compará-las aos modelos internacionais desenvolvidos na Alemanha e Espanha, bem como ao Programa Nacional Canadense, pioneiro na área, e o Conselho Internacional para a Excelência em Coaching. Para tanto, foram analisados 11 documentos oficiais disponibilizados pela instituição. Os resultados mostraram que a Confederação Brasileira de Handebol buscou, em suas ações, uma aproximação com as Universidades a partir da organização de um evento intitulado “Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras” que, além de possibilitar interações sociais entre os professores universitários, gerou também algumas propostas relevantes para o desenvolvimento do handebol, tais como: a criação de uma Escola Nacional de Árbitros e Treinadores, um curso de especialização, a edição de um livro e a criação de uma revista científica. Entretanto, muitas sugestões ainda se encontram na fase de planejamento e não foram implantadas. Por fim, foram sugeridos alguns ajustes à proposta de aprimoramento profissional dos treinadores, a partir da análise dos modelos internacionais de formação e aprimoramento profissional.

Palavras-chave: Desenvolvimento Profissional; Esporte, handebol.

ABSTRACT

UEZU, RUDNEY. **Analysis of proposals and initiatives of Brazilian Handball Confederation for Professional Development**. 2014. 114 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

The coach education in Brazil follows a model based on academic background, from the completion of the undergraduate degree in Physical Education and Sport. Although training with higher workload compared to the models adopted internationally, it is observed that only this initial training does not prepare adequately for the individual professional performance. In this sense, it is for the individual to seek specific actions for their specific professional development. The objective of this study was to analyze the initiatives undertaken by the Brazilian Handball Confederation for professional development and compare with international models developed in Germany and Spain, as well as the Canadian National Program, the pioneer in the area and the International Council for Coaching Excellence. For this, 11 official documents made available by the institution were analyzed. The results showed that the entity sought, in their actions, an approach with universities from organizing an event titled Brazilian's National Handball Teachers Meeting of Higher Education Institutions "that in addition to enabling social interaction among academics, generated also some relevant to the development of handball proposals such as the creation of a National School of Referees and Coaches, a specialization course, editing a book to serve as a support and the creation of a scientific journal. However, many suggestions are still in the planning stages and have not been implemented. Finally, some adjustments to the proposal for professional development of coaches, from the analysis of international models of training and professional development were suggested.

Keywords: Professional Development, Sports, Handball.

SUMÁRIO

	Pág.
1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVO.....	17
3 JUSTIFICATIVA.....	17
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
4.1 O técnico e sua intervenção profissional.....	19
4.2 Ações de formação profissional de esporte no cenário internacional	19
4.2.1 Modelo Canadense.....	20
4.2.2 ICCE – International Council for Coaching Excellence.....	25
4.2.3 O processo de construção do conhecimento do técnico.....	27
4.3 Formação profissional no cenário nacional.....	33
4.4 Formação do técnico de handebol.....	46
4.4.1 Modelo Alemão.....	46
4.4.1.1 Aquisição da licença C.....	47
4.4.1.2 Aquisição da licença B.....	51
4.4.1.3 Aquisição da licença B/C.....	53
4.4.1.4 Aquisição da licença A.....	54
4.4.2 Modelo Espanhol.....	57
4.4.2.1 Bloco comum e específico.....	57
4.4.2.2 Bloco complementar.....	60
4.4.2.3 Bloco de formação prática.....	60
4.4.2.4 Projeto Final.....	61
4.4.2.5 Equivalências.....	61
4.4.3 Ações da Confederação Brasileira de Handebol – CBHb.....	61
5 MATERIAIS E MÉTODO.....	65
5.1 Amostra.....	65
5.2 Procedimentos para a análise dos dados.....	65
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	67
6.1 Projeto da escola nacional de árbitros e treinadores – D1.....	67
6.2 Projeto de curso de especialização em handebol – D2.....	74
6.3 Livro Manual de Handebol – D3.....	76
6.4 Encontros Nacionais de Professores de Handebol – ENPH.....	79

6.4.1	III ENPH – D4.....	79
6.4.2	IV ENPH – D5.....	81
6.4.3	V ENPH – D6.....	86
6.4.4	VI ENPH – D7.....	90
6.4.5	VII ENPH – D8.....	91
6.4.6	VIII ENPH – D9.....	95
6.4.7	IX ENPH – D10.....	97
6.4.8	X ENPH – D11.....	100
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108

Uezu, Rudney

Análise das propostas e iniciativas da Confederação Brasileira de Handebol para o aprimoramento profissional / Rudney Uezu.-- São Paulo : [s.n.], 2014.
114p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Myrian Nunomura

1. Formação profissional (Brasil) 2. Handebol I. Título.

1. INTRODUÇÃO

O handebol brasileiro tem ganhado destaque no cenário internacional nos últimos anos. A sua estreia em Olimpíadas ocorreu em Barcelona (1992) com a equipe masculina e, em Sydney (2000) com a feminina. Embora o Brasil tenha conquistado o título inédito no campeonato mundial adulto feminino em dezembro de 2013, ainda observa-se que o handebol praticado no país ainda tem muitos desafios para se consolidar dentro do cenário internacional.

A Confederação Brasileira de Handebol realizou algumas ações que contribuíram para a visibilidade da modalidade no contexto internacional, dentre as quais podemos destacar:

- A realização do campeonato mundial categoria júnior masculino (até 21 anos) em 2002 em Foz do Iguaçu;
- A realização do campeonato mundial adulto feminino categoria adulto em 2011 em São Paulo.
- O convênio com uma equipe Austríaca (Hipo Nö) que mantinha atletas e o técnico da Seleção Brasileira na Europa disputando os campeonatos locais.

A atuação de alguns atletas brasileiros em competições internacionais começou a receber visibilidade e, a partir de meados da década de 90, teve início um processo de exportação de jogadores para atuar nos principais campeonatos nacionais na Europa. Dentre os atletas que foram atuar no exterior, é relevante destacar que alguns deles figuraram entre os melhores do mundo, segundo critérios adotados pela Federação Internacional de Handebol (IHF).

Embora o handebol no Brasil venha conquistando, gradativamente, seu espaço no cenário internacional, observa-se que seus resultados são frutos de esforços de alguns técnicos, dirigentes e atletas de forma rudimentar em termos de gestão, estrutura e políticas específicas para o esporte.

Para a gestão das seleções adultas de ambos os sexos, os dirigentes optaram pelo intercâmbio de técnicos, ao nomear profissionais europeus com ampla experiência internacional desde os ciclos olímpicos de 2004/2008 até o ciclo atual 2012/2016.

Os gestores concluíram que havia a necessidade de técnicos com experiência internacional para que fossem implantados conceitos e métodos de trabalho ora

consagrados na prática esportiva, com o objetivo de manter o processo evolutivo do handebol brasileiro.

Com a chegada dos técnicos estrangeiros, foram implantadas estratégias de trabalho com base na concepção europeia, que possui um reconhecido modelo de formação profissional de treinadores em países como a Espanha, Alemanha, Dinamarca, França, Noruega e Rússia. Nestes países, a atuação dos técnicos fica condicionada à obtenção de licenças para atuar a partir de um programa de formação de técnicos gerenciado tanto por órgãos públicos (órgãos governamentais) e privados (confederações e federações).

Ao analisar o processo de formação profissional desenvolvido no cenário internacional, observa-se que existem programas específicos de formação, qualificação e credenciamento de técnicos esportivos, denominados “*Coach Education*” (CE) e “*Professional Development*” (PD), que têm como objetivo oferecer subsídios para o exercício profissional e o aprimoramento de técnicos esportivos, respectivamente.

Tais programas tiveram seu início no Canadá na década de 70, sendo que em seguida foram criados modelos com objetivos similares na Austrália, Inglaterra e nos países Europeus como um todo.

Entretanto, cabe ressaltar que nesses países a formação acadêmica não é obrigatória e para atuar como treinador o indivíduo precisa ser aprovado nos cursos específicos para a formação, independente das Universidades, pois se tratam de programas nacionais e que tem o apoio das confederações específicas das diferentes modalidades esportivas.

Nesse caso, a formação profissional habilitaria a pessoa a iniciar seus trabalhos como treinador, da iniciação e formação esportiva até o alto rendimento. Paralelamente a tal certificação, a pessoa realiza ações para a formação específica das modalidades esportivas, também organizadas em níveis que segue a mesma lógica.

O processo citado seria equivalente ao bacharelado em Educação Física ou Esporte e teria uma duração menor, com a carga horária de aproximadamente 100 horas. Embora os conteúdos desenvolvidos sejam específicos das modalidades esportivas, tal formação tem uma carga horária significativamente inferior quando comparado à realidade nacional, desenvolvido nas instituições de ensino superior.

Sobre o aprimoramento profissional esse contempla ações que extrapolam o ensino formal e mediado, com eventos que estimulam as interações profissionais e intercâmbios entre os treinadores, para proporcionar uma rede colaborativa de trocas de experiências práticas e que teve o apoio de confederações, associações esportivas e comitês olímpicos nacionais.

Assim foi criado na Europa o International Council for Coach Education (ICCE) com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de competências profissionais de acordo com o nível de atuação, ou seja, para oferecer suporte ao desenvolvimento profissional do técnico.

Como o ICCE não tem como foco a realização de investigações científicas, que ficariam sob a responsabilidade de universidades conveniadas, já que segundo eles, o técnico é construído a partir de uma combinação de ações que englobam a participação em programas formais e informais, experiências, interações sociais e reflexões sobre as próprias vivências.

No Brasil, para poder atuar como técnico esportivo é obrigatória a formação acadêmica na área de Educação Física ou Esporte. Somente por este caminho é que o técnico será reconhecido como profissional da Educação Física (conforme lei 9696 de 01/09/1998), que tem como prerrogativa a função de treinador esportivo (lei 9696, artigo 4).

Embora a formação acadêmica em Educação Física ou Esporte seja obrigatória no país, observa-se que em algumas atividades a formação específica para atuar como técnico acontece a partir de cursos e treinamentos específicos, oferecidos pelas associações ou federações, de forma independente, paralela e complementar à Universidade, como nas artes marciais, esportes de aventura, e algumas manifestações de ginástica em academias.

Assim, nos exemplos citados anteriormente, será que a formação nos cursos de graduação em Educação Física ou Esporte, oferece condições para que os profissionais tenham o conhecimento e a vivência prática necessária para o seu devido exercício profissional?

E mais, os cursos de formação generalista, oferecidos pelas Universidades parecem priorizar o atendimento aos requisitos legais, em termos de legislação, em relação à preparação dos indivíduos para atuar como técnicos de modalidades esportivas, pois os conhecimentos oriundos da graduação parecem não oferecer os

subsídios necessários para uma prática profissional fundamentada na teoria do treinamento e da pedagogia do esporte.

Especificamente no Brasil, algumas modalidades esportivas, tais como o voleibol, atletismo, tênis e basquete têm seu programa específico de formação profissional gerenciado pelas confederações e que buscam a preparação específica para a atuação desses técnicos esportivos. Estes cursos complementam os conhecimentos oriundos da formação inicial oferecida pelas Universidades, ao invés de invalidar ou tentar substituir a formação acadêmica.

A formação de uma escola nacional de treinadores do handebol no Brasil vem sendo discutida pela CBHb por meio de sua assessoria de desenvolvimento, composta por professores com ampla experiência no handebol e também na área acadêmica, sendo que o coordenador do referido projeto é também “lector” (conferencista) da Federação Internacional de Handebol.

Embora o projeto da escola nacional de árbitros e treinadores (ENAT) já esteja pronto e aprovado pela assembleia da CBHb, foi organizado um único curso destinado às comissões técnicas das seleções brasileiras de todas as categorias, com a presença dos principais nomes de lectors da Federação Internacional de Handebol (IHF).

Assim, os técnicos parecem possuir uma grande variedade de fontes de informações na literatura, porém as informações disponíveis parecem ser insuficientes para suprir as necessidades profissionais em nosso contexto.

Nesse sentido, os técnicos têm que buscar seu aprimoramento profissional por iniciativa própria e, em alguns casos, contar com a estrutura e as parcerias que seu local de trabalho proporciona. E, verifica-se a ausência de um programa sistematizado e estruturado para oferecer condições de melhoria para o CE e PD no Brasil.

A partir do cenário apresentado, foram formuladas as seguintes questões sobre o processo de construção do seu conhecimento para o exercício profissional do técnico de handebol na realidade nacional:

- Quais estratégias podem ser adotadas pelos profissionais que buscam uma prática profissional e um aprimoramento profissional adequados ao contexto em que estão inseridos?

- Como promover a formação e o desenvolvimento profissional dos técnicos esportivos?

Estas questões centrais motivaram o presente estudo a investigar as ações realizadas pela CBHb para o desenvolvimento dos profissionais de handebol na realidade nacional.

2. OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho foi analisar as ações da CBHb para o desenvolvimento profissional de treinadores de handebol no país, bem como comparar com modelos de formação adotados na Alemanha e Espanha, considerados referência internacional pela sua escola nacional de treinadores.

3. JUSTIFICATIVA

Acredita-se que o técnico esportivo seja um fator determinante para o desempenho esportivo do atleta e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do esporte.

O conhecimento e as competências necessárias para a intervenção profissional bem sucedida são desenvolvidos e acumulados ao longo da vida. E, apesar da importância da preparação e do aperfeiçoamento do profissional do esporte, nossa compreensão sobre seu processo de aprendizado para o cumprimento de suas funções ainda carece de base conceitual.

Estudos nesse campo sugerem que o aprendizado para atuar no esporte é influenciado por uma complexa combinação de experiências de aprendizado formais, não-formais, informais, direcionadas e autodirecionadas, mas cujas pesquisas têm sido desenvolvidas em bases empíricas e, por vezes, especulativas e imprecisas.

Todavia, ainda que estudos revelem que há diversas vias de aprendizado para o profissional do esporte, muitos países mantêm um modelo tradicional como, por exemplo, o curso universitário de caráter teórico e generalista. E, em geral, esses cursos parecem ter pouca relevância como conhecimento para e da prática. Assim,

provavelmente, há muitas vias de aprendizado que não são aproveitadas, aplicadas e oportunizadas aos profissionais do esporte e que poderiam ampliar seu conhecimento e competências na sua atuação profissional.

Embora a formação universitária seja obrigatória para o exercício profissional, nos cursos superiores não são contemplados conteúdos específicos para a formação para atuar com o esporte no Brasil.

Assim, a formação profissional do esporte no cenário nacional é um campo ainda pouco explorado no nosso país e estudos nesta direção poderão contribuir, significativamente, na reestruturação dos cursos universitários para atender às demandas desse profissional.

E mais, os resultados poderão auxiliar na elaboração de um modelo de formação do profissional de handebol para atender aos diversos níveis de prática da modalidade.

Acredita-se que os dados obtidos no estudo poderão contribuir, também, para o desenvolvimento do handebol no país, desde os programas de iniciação até o mais alto nível de treinamento.

O técnico esportivo é o ponto crítico e determinante para o sucesso do Esporte e, devido à natureza de sua atuação, este necessita de conhecimento aplicado. No entanto, no país, a formação de atletas tem sido priorizada em comparação à de técnicos. O fato dificulta o aprimoramento dos técnicos, pois não há dados que sinalizem os pontos críticos da preparação e do aprimoramento profissional, assim como daqueles caminhos mais efetivos.

Assim, informações e dados que possibilitem aprofundar a compreensão do processo de aprendizado do técnico contribuirão, significativamente, para o delineamento e direcionamento de programas de formação e de aperfeiçoamento de técnicos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do Esporte como um todo.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica será apresentada tendo como eixo norteador a formação do profissional de esporte, com a apresentação de modelos aplicados no cenário internacional e nacional, modelos de currículos aplicados bem como os modelos aplicados especificamente no handebol.

4.1. O técnico e sua atuação profissional

Ao analisar a literatura, observou-se que dois termos surgem com frequência: “*Coach*” e “*Coaching*”. Trata-se de dois termos distintos e sua diferenciação faz-se necessária para um melhor entendimento das investigações realizadas.

O “*Coach*” representa o técnico esportivo, ou seja, a pessoa física. Por outro lado, o “*Coaching*” refere-se à intervenção profissional do técnico, sendo considerada uma atividade dinâmica e complexa, o que requer do coach/técnico uma série de conhecimentos e habilidades gerais (nas áreas de pedagogia, treinamento, gestão, entre outras) e específicas da modalidade esportiva que se pretende trabalhar.

4.2. Ações de Formação do Profissional de Esporte no Cenário Internacional

Ao investigar os fatores de sucesso esportivo em países na Europa, Bosscher et al. (2006) sugeriram nove pilares para o sucesso esportivo, sendo que o sétimo item refere-se à formação e ao aprimoramento do profissional de esporte.

Nesse sentido, ao analisar o cenário internacional observou-se que nas últimas décadas, cresceu o interesse por programas de formação profissional e de formação continuada dos técnicos, além do aumento no interesse pelos países de formatarem seus próprios programas em nível nacional. (CASSIDY, ROSSI, 2006; LYLE, 2002).

Países como Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Inglaterra e Portugal têm desenvolvido seus próprios programas de formação e certificação profissional no esporte, sendo que em alguns países como a Espanha, a França e a Alemanha as Federações e Confederações esportivas realizam suas próprias ações em função de suas particularidades esportivas.

Os primeiros objetivos da criação dos programas de formação em larga escala foram as questões éticas e legais, além da construção das competências profissionais dos treinadores. (TRUDEL, GILBERT, 2006)

Segundo os autores, os programas de formação profissional também foram adequados à diversidade de atuação desse profissional, dos novatos aos mais experientes, e foram divididos em três partes, a saber: conhecimentos teóricos técnicas e táticas do esporte específico e a prática do *coaching*, uma espécie de estágio supervisionado.

4.2.1. Modelo Canadense

O modelo Canadense teve sua origem em 1970, com a criação da associação de treinadores do Canadá, Coaching Association of Canadá (CAC), por recomendação de uma força tarefa para o esporte no país.

O objetivo da criação dos programas de formação e certificação profissional foi organizar e promover o esporte no país, em esportes de verão e inverno. Assim, não havia a intenção direta de melhoria nos resultados com o alto rendimento esportivo.

Assim em 1974 o CAC desenvolveu seu modelo de certificação e qualificação profissional denominado Canada's National Coaching Certification Program (NCCP), que já credenciou mais de 60.000 técnicos desde sua criação. (CAC 2012)

O programa identificou cinco competências centrais, a saber: valores, interação, liderança, resolução de problemas e pensamento crítico. Tais competências centrais se expressam a partir de oito ações específicas:

- Manter a ética nas decisões;
- Oferecer suporte aos atletas em formação;
- Planejar a prática;
- Oferecer suporte à experiência competitiva;
- Analisar o desempenho;
- Elaborar um programa esportivo;
- Gerenciar o programa esportivo;
- Apresentar resultados na modalidade específica

Para orientar a intervenção profissional dos técnicos, bem como para informar a população sobre a filosofia canadense de iniciação e formação esportiva, o Canadian Sport for Life (2014) criou um modelo denominado "Long-Term Athlete Development (LTAD)" que apresentou os objetivos da prática esportiva em função da faixa etária.

O LTAD tem como objetivo oferecer diretrizes para a prática esportiva em nível nacional, devido à diminuição da prática da atividade física e esportiva no país, bem como da queda no rendimento esportivo em diversas modalidades em competições internacionais. (CANADIAN SPORT FOR LIFE, 2014).

A área de atuação dos técnicos foi organizada em três níveis, comunitário, competitivo e nível de instrutor.

O programa para técnicos em nível comunitário é destinado aos indivíduos que se interessaram por trabalhar com o esporte, geralmente ex-atletas ou até mesmo familiares que tem como objetivo promover e estimular a prática esportiva de forma prazerosa.

O programa para técnicos em nível comunitário é destinado aos indivíduos que se interessaram pela carreira, geralmente parentes ou voluntários, e pretendem trabalhar no contexto da iniciação esportiva.

Os conteúdos contemplam a aquisição de habilidades motoras básicas, a tomada de decisões com base na ética, o planejamento da prática, os aspectos nutricionais e as considerações sobre o processo de ensino e aprendizagem esportivo.

O programa para o nível competitivo é direcionado para aqueles que têm experiência de técnico ou já trabalhou na formação esportiva e pretende iniciar o trabalho de preparação para atletas de alto rendimento em longo prazo.

Em respeito aos conteúdos abordados nesse nível, são incluídos aqueles relacionados à elaboração de um programa esportivo, habilidades psicológicas básicas, coaching e liderança efetivas, prevenção e recuperação de lesões e gestão de conflitos.

Em respeito ao nível de instrutor, o profissional desenvolverá trabalhos específicos para o esporte de alto nível, sendo que o conteúdo contempla aspectos relacionados ao desenvolvimento de habilidades esportivas, programa antidrogas,

prevenção e recuperação de lesões e psicologia aplicada à performance. (CAC, 2012).

O NCCP (2012) prevê que a formação do profissional do esporte segue uma sequência progressiva em diferentes níveis que compreende aqueles que estão em processo de treinamento (in training) e faz uma diferenciação entre os profissionais treinados e credenciados.

Os profissionais treinados participam das ações de desenvolvimento profissional e tem como objetivo um aperfeiçoamento de um contexto ou situação específica como, por exemplo, no desenvolvimento de habilidades motoras básicas.

Já os profissionais credenciados devem completar suas ações de desenvolvimento profissional e ser avaliados para demonstrar sua competência nas diversas áreas de atuação do esporte. Assim eles desfrutam de uma credibilidade maior porque atenderam a padrões de qualidade adotados pelas associações esportivas do país inteiro.

A maior parte das cidades e províncias tem a exigência de profissionais credenciados e para manter seu credenciamento, os profissionais precisam participar das ações de desenvolvimento profissional (PD), que compreendem cursos, conferências, oficinas, workshops, entre outros.

As ações são organizadas segundo uma formação esportiva geral que tem como objetivo aumentar o repertório de atividades do profissional e as atividades específicas de cada modalidade esportiva a partir de um convênio com as federações esportivas.

Com relação ao convênio com as federações esportivas, ocorre o complemento da formação do treinador com os conteúdos específicos, sempre em conformidade com os objetivos e estrutura do NCCP.

A Federação Canadense de Handebol diferenciou os treinadores também em níveis, que compreendem a iniciação esportiva (crianças até 12 anos), introdução à competição (12 e 13 anos), formação esportiva (14 a 17 anos) e rendimento esportivo (a partir de 18 anos).

Para orientar as ações da formação específica dos técnicos, a federação Canadense disponibilizou o planejamento estratégico para o período de 2010-2015, que apresentou sua versão do LTAD com conteúdos aplicados ao handebol.

Para completar sua formação os profissionais do esporte podem o diploma de técnico avançado, que representa o auge na carreira do profissional do esporte e representa o maior nível de reconhecimento em nível nacional e internacional.

O programa de formação tem como referencia quatro temas principais: Liderança e eficácia na intervenção profissional, planejamento do desempenho e treinamento e prontidão competitiva.

A duração prevista é de 4 semestres e tem a carga horária de 252 horas e os candidatos serão avaliados por módulo ao demonstrar sua competência na formação de atletas. No programa também está incluído o acompanhamento de um professor mentor para orientar suas ações.

Para participar da formação do técnico em nível avançado é necessária à formação completa do nível de instrutor, formação superior em Educação Física ou Cinesiologia e uma série de documentos que incluem a demonstração mínima de 3 anos de trabalho em tempo integral com experiências relevantes, uma redação que justifique as razões para participar da formação e o pagamento de uma taxa de inscrição.

Os conteúdos trabalhados ao longo dos semestres, bem como a carga horária estão expostos no Quadro 1.

Módulos	Parte A - Ano 1		Parte B - Ano 2	
	1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre
Liderança na Intervenção	Comportamento de liderança efetivo (12h) Criação de sua Filosofia de trabalho (9h)	Principais mudanças (9h) Aplicação de sua Filosofia de trabalho (9h)	Construção de equipes eficazes (15h)	Condução de um programa (18h)
Intervenção profissional efetiva	Análise do trabalho e desempenho esportivo (12h)	Desenvolvimento de habilidades e biomecânica (15h)	Práticas inovadoras e a intervenção profissional (18h)	Monitoramento de atletas em treinamentos e competições (15h)

Planejamento de desempenho	Auditoria no desempenho esportivo (27h)	Desenvolvimento integrado de treinamento (21h)	Aplicação de seu planejamento de treinamento (15h)	Gerenciamento de seu planejamento de treinamento. (com o mentor)
Treinamento e prontidão competitiva	Saúde e segurança (12h)	Identificação e seleção de talentos (9h)	Preparação para a competição (21h)	Planejamento estratégico para o treinamento e competição (15h)

Quadro 1: Conteúdos da formação de técnico avançado.

Ao analisar a proposta de formação de profissionais do esporte no Canadá, observou-se uma valorização de uma formação mais ampla e que valoriza também a experiência prática e as vivências dos profissionais.

O alinhamento das ações gerais da intervenção profissional, por meio dos módulos relacionados à atuação no contexto da iniciação e formação esportiva, mediados por um modelo esportivo em nível nacional como no caso do LTAD, representam um aspecto significativo não somente a formação de recursos humanos, mas ao desenvolvimento esportivo como um todo.

Acredita-se que a parceria entre o CAC e as federações esportivas complemente o desenvolvimento esportivo nos estágios finais da formação esportiva e alto rendimento, à medida que as ações mais específicas das modalidades esportivas são refinadas a partir de um trabalho de base consistente e com objetivos claros de desempenho esportivo em longo prazo.

Desde a sua implantação, o NCCP vem servindo como referência para a implantação de outros programas similares em outros países como a Austrália, Inglaterra, Nova Zelândia e Portugal.

Nesse sentido, foram realizadas investigações para analisar o NCCP, a partir da percepção de profissionais egressos ao programa. Misener e Danylchuk (2009) citaram o impacto positivo da participação no NCCP, do valor percebido pelos profissionais assim com sua contribuição para o desenvolvimento do sistema esportivo como um todo.

4.2.2. ICCE - International Council for Coaching Excellence

Em um movimento que teve início na Europa, foi criado o International Council for Coach Education (ICCE) que tem como objetivo auxiliar no desenvolvimento dos técnicos por meio da colaboração entre os membros, bem como pelos intercâmbios internacionais realizados. (LEMYRE, TRUDEL e DURAND-BUSH 2007).

A partir de uma assembleia geral em 2000, que reuniu representantes de vinte e nove países, o ICCE definiu dez metas para o desenvolvimento do técnico esportivo e sua formação profissional, sendo que tal ação contou com o apoio de organizações esportivas nacionais, comitês olímpicos nacionais, federações esportivas, Universidades e o Comitê Olímpico Internacional. A seguir, as metas estipuladas pelo ICCE:

- Estabelecer organizações esportivas e educar técnicos para um comportamento ético, bem como desenvolver mecanismos para o seu controle;
- Identificar, desenvolver e avaliar as competências do técnico em todos os seus níveis de atuação;
- Oferecer ensino técnico que permita aos profissionais (técnico) aplicar os conhecimentos teóricos à sua prática profissional e que atenda às necessidades de seus atletas;
- Assegurar que as organizações governamentais, as entidades esportivas e a comunidade reconheçam a importância do técnico no desenvolvimento esportivo em todos os níveis;
- Adotar uma filosofia que promova e ofereça apoio ao atleta e à formação e desenvolvimento profissional do técnico;
- Permitir que os técnicos tenham acesso e mantenham-se informados sobre o corpo de conhecimento de sua intervenção profissional e das melhores práticas, de forma a favorecer um suporte permanente de aprendizagem e desenvolvimento;
- Difundir o acesso e as oportunidades para formação e desenvolvimento profissional, com a manutenção da qualidade de tais ações;
- Desenvolver sistemas para estimular e apoiar a formação continuada e o desenvolvimento profissional dos técnicos, para identificar suas necessidades e resolver seus problemas;

- Trabalhar para desenvolver e conquistar o reconhecimento da função de técnico como uma profissão;
- Desenvolver um sistema de educação que ofereça uma aprendizagem aberta, e que permita ao técnico estudar no tempo, local e frequência que seja de sua própria escolha.

Ao analisar tais metas, observou-se uma tendência clara a uma formação de técnicos com conhecimento aplicado, com o objetivo de oferecer condições para o desenvolvimento das competências profissionais segundo seu nível de atuação e de forma continuada.

Com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento do processo de formação do coaching, o ICCE mudou seu nome e passou a se chamar de International Council for Coaching Excellence e em parceria com a Association of Summer Olympic International Federations publicou um documento norteador denominado “International Sport Coaching Framework” (ISCF) para servir como referência para a educação, desenvolvimento e profissionalização dos profissionais do esporte (ICCE e ASOIF, 2012).

O ISCF apresentou uma visão geral da atuação do profissional do esporte no contexto esportivo atual, do desenvolvimento profissional e suas competências profissionais, bem como um modelo do sistema de certificação profissional.

As competências do profissional do esporte foram organizadas a partir de seis áreas funcionais primárias:

- Definição da visão e estratégia (condução de práticas em função do contexto, analisar as necessidades encontradas e estabelecer uma visão e estratégia de trabalho);
- Configuração o ambiente (desenvolver um plano de ação, identificar e selecionar pessoas, cuidar dos atletas, desenvolver indicadores de desempenho e organizar o pessoal e o ambiente);
- Construção de relacionamentos (manter uma gestão positiva, liderança, agir com um educador e estimular os relacionamentos);
- Condução de práticas e estrutura de competições (organizar um guia de conduta e gerenciar adequadamente as experiências esportivas);
- Leitura e reação em campo (observar e oferecer feedback, avaliar e tomar decisões para ajustar as experiências);

- Aprendizado e reflexão (Desenvolvimento profissional, avaliação da intervenção e autoavaliação);

Para que as competências profissionais possam ser concretizadas na prática, foram sugeridas três áreas principais: conhecimento profissional, interpessoal e interpessoal.

O conhecimento profissional incluiu aspectos relacionados ao esporte em si, atletas, ciência do esporte e habilidades fundamentais de comunicação, ciência e tecnologia. O contexto social, relacionamentos e métodos e técnicas de treinamento compõem os conhecimentos interpessoais e aspectos relacionados à filosofia de trabalho, aprendizagem de forma continuada representam os conhecimentos interpessoais (ICCE e ASOIF, 2012).

O ICCE também evidenciou que, apesar de organizar seu congresso periodicamente e de tentar se aproximar das Universidades, seu objetivo prioritário não é realizar investigações científicas, e sim oferecer suporte ao desenvolvimento profissional do técnico.

Especificamente sobre a realização das pesquisas, foi criada uma comissão científica que em 2013 organizou em evento na África do Sul e contou com a participação de diversos pesquisadores dos cinco continentes. Dentre as conclusões do evento destacaram-se o aumento do número de cursos formais, bem como o aumento da literatura produzida sobre o tema. (ICCE, 2014)

Para o ICCE (2007) a formação dos técnicos é construída a partir da combinação de experiências práticas, participação em programas formais e informais e um processo de reflexão das experiências adquiridas e vivenciadas ao longo da carreira. Assim, para se tornar um técnico de referência, um expert, são necessários muitos anos de experiência e prática profissional.

4.2.3. O processo de construção do conhecimento do técnico

A compreensão e a clareza do quadro real do coaching e da miscelânea de tarefas do técnico poderão direcionar para um processo de formação profissional mais pontual e, assim, prepará-los melhor para a complexa natureza de sua tarefa.

A origem do conhecimento do técnico está fundamentada no aprendizado social de eventos passados, os quais agem como um esqueleto ao redor de situações dinâmicas que são constantemente interpretadas (JONES, et al., 2004;

SAURY; DURAND, 1998).

Há um crescente investimento e atenção dedicados ao coaching e à formação profissional como um caminho para o sucesso do Esporte em todos os níveis (MISENER; DANYLCHUK, 2009; TRUDEL; GILBERT, 2006). E, para criar alternativas e oportunidades de aperfeiçoamento para o técnico esportivo é preciso, anteriormente, compreender o “como”, “onde” e “o que” do seu processo de aprendizagem e quais experiências são importantes para ser bem sucedido.

A atuação do profissional do esporte inclui uma série de fatores que apresentam grande interação entre si, como recursos financeiros, recursos humanos e materiais, características pessoais dos técnicos e atletas, variáveis comportamentais em situações de treinamento e competição, estilo de ensino, entre outros, de forma a caracterizar seu trabalho como uma tarefa complexa (LYLE, 2002; CUSHION, 2000; CÔTÊ 2006).

Ao investigar as necessidades de formação das competências profissionais de técnicos de futebol, em função da experiência profissional e formação específica, Cunha et al. (2010) sugeriram que a experiência profissional representa um fator importante no seu desenvolvimento, como forma de aprendizagem e fonte de conhecimento. Os técnicos mais experientes apresentaram também, a tendência de se descreverem como mais competentes.

Sobre a investigação de Gomes et al. (2011) verificou-se a representação de treinadores portugueses acerca do nível de escolaridade e idade mínima para o início na carreira de técnico esportivo, e analisou-se a valorização e a responsabilidade das instituições de formação e certificação na perspectiva dos técnicos.

Os resultados sugeriram uma idade mínima de 18 anos para iniciar a formação específica, e que a formação acadêmica não deveria ser critério considerado no acesso à formação do técnico esportivo. A formação profissional ficaria sob a responsabilidade de entidades reconhecidas formalmente como as instituições de ensino superior e as Federações e Confederações esportivas.

Os autores atribuíram que o fator mais relevante se refere a como ocorre tal formação, ao invés da valorização do local onde ela ocorreu. Foi sugerida, também, a realização de investigações qualitativas para maior aprofundamento sobre as questões norteadoras da formação profissional dos técnicos.

A investigação de Nash e Sproule (2011) verificou como duas técnicas de

natação, com níveis de experiência profissional diferentes, constroem o seu conhecimento e verificaram que os programas de formação profissional foram valorizados somente pela técnica com menos experiência, sendo que a treinadora com mais experiência sugeriu que os programas têm relevância somente para os iniciantes.

Os autores concluíram também que os treinadores iniciantes devem ser encorajados a participar de programas de desenvolvimento profissional específico porque acreditam que tal qualificação refletirá em benefícios para a sua carreira, apesar da dificuldade de incorporar conteúdos adquiridos na prática profissional.

Santos et. al (2010) investigaram a percepção de treinadores portugueses sobre os conhecimentos específicos para sua atuação profissional, a partir de uma análise fatorial, em técnicos divididos em três grupos: iniciantes, experientes e muito experientes.

Ao analisar os resultados, foram identificados dois fatores: o conhecimento acerca da metodologia da prática profissional em si, e os conhecimentos sobre os programas de formação profissional e de gestão.

Ao considerar os grupos com diferentes níveis de experiência, não foram encontradas diferenças quanto à valorização atribuída aos programas de formação profissional e gestão esportiva.

Para finalizar, foi sugerido que os programas de formação deveriam valorizar, além dos aspectos formais, o aprendizado a partir da experiência adquirida no cotidiano, como em situações de interações sociais com outros técnicos mais experientes ou mentores.

Segundo Santos e Mesquita (2010), a formação de técnicos é complexa e multidisciplinar e identificaram cinco fatores considerados relevantes por técnicos portugueses sobre o processo de formação profissional: competências relacionadas ao planejamento, à liderança e à formação de outros treinadores, ao planejamento e orientação em competições, de orientação aos treinamentos e questões pessoais, como comunicação, proatividade e resolução de problemas.

Os fatores considerados relevantes pelos autores incluíram a formação acadêmica e a valorização das competências relacionadas ao contexto da competição e a experiência do técnico.

Em concordância, Mesquita, Isidro e Rosado (2010) sugeriram que os técnicos Portugueses atribuem maior importância, em sua formação profissional, às

interações sociais com treinadores mais experientes, bem como no aprendizado a partir das experiências do cotidiano. Os autores destacaram ainda a relevância na participação em ações mais informais como seminários e cursos livres, ou seja, situações que retratam mais fielmente a realidade encontrada pelos técnicos para complementar os programas de certificação profissional.

Para os autores, as pesquisas evidenciam que os programas de educação formal não preparam adequadamente os técnicos para sua atuação profissional. Cushion, et al. (2003) corroboram a visão de que os cursos formais, seja para formação ou aprimoramento profissional, falham em assertividade e efetividade.

Considerando-se que a grande maioria desses programas de formação, de certificação e de aperfeiçoamento de técnicos ocorre pelo sistema formal, esperaríamos que essa fonte de conhecimento fosse a mais importante. Na verdade, alguns estudos revelaram o impacto positivo desses cursos (MISENER; DANYLCHUK, 2009; MALET; FELTZ, 2000). Mas, muitos autores constataram que os meios formais e tradicionais são aqueles que têm menor impacto e relevância na percepção dos técnicos (LEMYRE, et al., 2007; ERICKSON, et al., 2007; RYNNE, et al., 2006; TRUDEL; GILBERT, 2006; IRWIN, et al., 2004; LYLE, 2002).

Não podemos afirmar que os programas de formação, qualificação e certificação de técnicos esportivos solucionam todos os problemas do Esporte. E, tampouco, podemos afirmar o mesmo se implantássemos um sistema esportivo no nosso país (NUNOMURA, 2008). Mas, segundo autores, a padronização da competência dos profissionais tem relação com a qualidade do Esporte (MISENER; DANYLCHUK, 2009; LEGG, et al., 2009).

Outra consideração importante sobre o aprendizado do técnico é que o processo de coaching deve ser delineado em função do nível de prática e do público-alvo, de modo que atinja necessidades e interesses específicos. E, todo este espectro de conhecimento, raramente é oferecido nos cursos formais como aqueles superiores/universitários, pois, além da característica generalista, o conhecimento aplicado e da prática são raros.

Para a sistematização do processo de aquisição do conhecimento dos técnicos, La Belle (1982); Nelson, Cushion e Potrac (2006) e Mallet et al. (2009), propuseram a seguinte divisão:

Aprendizagem Formal: formação institucionalizada com currículo específico, organizado formalmente a partir de certificações oficiais.

Aprendizagem Não Formal: formação fora dos programas formais de educação, realizados em curta duração, voluntariamente e não apresentam pré-requisitos. Nessa categoria encontra-se a participação nos cursos de formação continuada, participação em congressos, workshops, seminários, dentre outros.

Aprendizagem Informal: Aprendizagem incidental, a partir de suas experiências do cotidiano.

Para os autores, os técnicos precisam ter acesso às oportunidades educacionais variadas, formais e informais, que facilitam sua aprendizagem e, conseqüentemente, promovem seu aperfeiçoamento profissional.

O modelo apresentado faz uma categorização da forma como ocorre o processo de aquisição do conhecimento dos técnicos, sendo que cada indivíduo parece ter responsabilidade e autonomia para gerenciar sua própria educação continuada.

Nelson et al. (2006), Erickson et al. (2007) e Lemyre et al. (2007), entre outros, afirmam que estudos que visam compreender como os técnicos adquirem e aprimoram o conhecimento para o coaching, ou seja, nosso entendimento sobre os meios de aprendizado do técnico, ainda são muito limitados.

Conforme Nelson et al. (2006), o aprendizado do técnico é influenciado pela combinação complexa de experiências de ensino formais, não-formais, informais, dirigidas, autodirigidas. La Belle (1982) também sugeriu que o aprendizado possa ocorrer através dessas principais vias.

As vias formais, não formais e informais de aprendizagem representam um modelo que classifica onde o processo de aquisição do conhecimento dos técnicos esportivos acontece, sendo que Moon (2004) sistematizou uma forma de identificar como ocorre tal processo.

O modelo teórico de Moon (2004), que foi aplicado no Esporte por Werthner e Trudel (2006), diferencia-se de Nelson et al. (2006) e de La Belle (1982), pois, além de definir as fontes de conhecimento utilizadas pelos técnicos esportivos, considera também as diferentes formas de aprendizado por diversos meios e experiências.

Segundo Moon (2004), toda a experiência que o indivíduo vivencia é uma forma de aprendizado, seja ela teórica ou prática, no contexto formal ou informal. E, a autora assume que todos os indivíduos refletem, a seu modo, sobre suas experiências, e também é uma forma de ampliar o conhecimento.

Com base nessa premissa, Moon propõe um modelo geral de aprendizagem, que consiste em três situações: mediada, não-mediada e interna.

A formação por meio das situações mediadas são aquelas gerenciadas e orientadas por terceiros e de forma institucionalizada. A obrigatoriedade da formação em nível superior a partir da graduação exemplifica essa situação, assim como os cursos de pós-graduação lato-sensu.

As situações não-mediadas são aquelas em que os técnicos têm autonomia para buscar seu aprimoramento profissional, sendo que ele tem total responsabilidade sobre sua formação e decide quais os conhecimentos serão aprimorados. E, destacam-se a utilização da internet, conversas informais com os pares e, uma prática que ocorre no cenário internacional, é a interação com técnicos mais experientes, denominados “mentores”.

Em respeito à prática interna, essa consiste em reorganizar os conhecimentos ora adquiridos pelo técnico, sendo que não ocorre aqui a incorporação de novos conhecimentos, a partir de situações mediadas ou não-mediadas, mas uma reflexão sobre sua prática profissional.

A análise de jogo, por meio de vídeos editados, realizada pelos técnicos parece que representa um exemplo utilizado pelos técnicos esportivos para a compreensão do desempenho apresentado no jogo, bem como para servir de parâmetro para a elaboração dos futuros programas de treinamento, a partir das conclusões obtidas.

Entretanto, essas situações estão interligadas, de modo que há reflexão sobre os conteúdos recebidos nas situações mediadas, não-mediadas e sobre todas as experiências. Da mesma forma, também ocorre aplicação prática das constatações feitas após as reflexões do indivíduo (situação interna).

Por outro lado, há uma premissa de que o conhecimento do técnico e de coaching estejam no campo da experiência e, mais especificamente, na reflexão sobre essa experiência (GILBERT; TRUDEL, 2001).

A formação e o aperfeiçoamento profissional e o processo de aprendizagem do técnico esportivo têm sido objeto de investigação no contexto internacional, conforme citado ao longo do texto. E, também, com foco para modalidades esportivas específicas (IRWIN, et al., 2004; JONES, et al., 2003; GILBERT; TRUDEL, 1998; CÔTÉ; SALMELA, 1996; CÔTÉ, et al., 1995).

4.3. Formação Profissional no Cenário Nacional

A formação de profissionais para atuar no esporte no Brasil está atrelada à formação em Educação Física, sendo que até a década de 60 havia um predomínio da ginástica e suas manifestações nos currículos desenvolvidos (SANTOS SILVA, 2012).

Posteriormente, nas décadas de 70 e 80 o cenário político nacional configurou demandas e as modalidades esportivas passaram a ser o foco nos currículos. Santos Silva (2012) afirmou que aumentou a quantidade de alunos interessados em atuar no esporte, seja como preparadores físicos, técnicos, e até aqueles que tinham interesse em atuar na EF escolar.

Nesse período, acreditava-se que o esporte era o meio utilizado pela Educação Física para auxiliar na educação das pessoas, sendo que o esporte foi tomando o lugar das manifestações ginásticas.

Ainda segundo a autora, uma problemática surgiu quando se percebeu que os ingressantes nos cursos superiores não tinham interesse no conhecimento das bases epistemológicas e acadêmicas da Educação Física, e seu interesse estava na obtenção da certificação para atuar no esporte e, o curso superior era o caminho.

Assim, surgiu o desafio de criar cursos distintos para atender às diferentes necessidades e o parecer 03/87 que permitiu as instituições diferenciar os cursos de licenciatura e propor o bacharelado.

Atualmente, a formação profissional em Educação Física no cenário nacional foi definida a partir da aprovação das diretrizes curriculares nacionais (Resoluções nº 01/CNE/2002 e nº 07/CNE/2004). Desde então, foram definidas duas áreas distintas para os cursos superiores: a licenciatura e o bacharelado.

As diretrizes curriculares sugerem que a Educação Física seja caracterizada a partir de três dimensões interdependentes: prática de atividades físicas, recreativas e esportivas, estudo e formação acadêmico-profissional e intervenção acadêmico-profissional.

A dimensão da prática de atividades físicas, recreativas e esportivas contempla o direito e o acesso que os indivíduos têm de conhecer e vivenciar as manifestações tradicionais da Educação Física, por meio de diferentes formas de jogo, dança lutas, exercícios físicos e o rendimento físico e esportivo.

No caso da dimensão do estudo e formação acadêmico-profissional, as diretrizes se referem às diferentes ações relacionadas às práticas de formação e aprimoramento profissional continuada, com o intuito de habilitar e qualificar os profissionais interessados em uma intervenção profissional com base acadêmica, como prevê a dimensão da intervenção acadêmica-profissional.

Embora a formação em Educação Física esteja inserida na área de Saúde, faz-se necessária a compreensão da sua característica interdisciplinar, pois especificamente na área do rendimento físico e esportivo observa-se a utilização de conhecimentos oriundos das ciências biológicas, humanas e sociais.

O modelo sugerido propõe uma formação inicial além da aquisição de conhecimentos teóricos e práticos, pois sugere a utilização das competências e habilidades profissionais a partir de sua concepção básica nos projetos pedagógicos dos cursos.

A formação pautada no desenvolvimento de competências e habilidades considera que além da aquisição de conhecimentos, faz-se necessária uma mobilização de saberes, habilidades e atitudes pessoais e profissionais para uma intervenção contextualizada e alinhada com pressupostos teóricos consistentes.

O licenciado tem sua atuação restrita à Educação Física Escolar, e sua formação está direcionada para os aspectos pedagógicos do movimento humano, com carga horária de 2800 horas, com a complementação de 400 horas de estágio e, no mínimo, 200 horas de atividades complementares.

No caso do bacharelado, esta habilita para a atuação nas diversas áreas da Educação Física e do Esporte, com exceção de aulas de Educação Física na escola, e o corpo de conhecimentos é direcionado às dimensões biodinâmicas do movimento humano, do esporte e da atividade física. A carga horária é de 3200 horas mais 300 horas de estágios e uma carga horária com, no mínimo 200 horas de atividades complementares.

A estrutura e a organização curricular dos cursos de formação inicial consideram uma dimensão de formação em sentido amplo e que considere as relações entre o ser humano e a sociedade, as características biológicas do corpo humano e a produção de conhecimentos científicos e tecnológicos aplicados ao contexto histórico e cultural.

Para completar tal processo, a formação específica abrange os conhecimentos norteadores da Educação Física e Esporte, e contempla as dimensões culturais do

movimento humano, bem como questões técnicas e instrumentais, além de considerações didáticas e pedagógicas.

As diretrizes curriculares propõem ainda, mecanismos para considerar as relações entre teoria e prática, a partir de ações denominadas prática como componente curricular, estágio profissional e atividades complementares.

A prática como componente curricular deve ficar explícita no projeto pedagógico dos cursos, com a possibilidade de vivências em diferentes locais e contextos, de modo a assegurar a vivência e o alinhamento entre as dimensões conceituais e sua respectiva aplicabilidade.

Espera-se que os estágios supervisionados possam oferecer aos alunos experiências significativas de aprendizagem, pois os mesmos conheceriam e vivenciariam a futura realidade profissional.

Segundo o Parecer CNE/CES 58/04, o estágio deve, ainda, contemplar momentos para que ocorra a verificação sobre as habilidades e as competências profissionais exigidas na prática profissional dos formandos.

Segundo Greco (2012), os estágios no contexto dos jogos coletivos deveriam integrar atividades realizadas em federações, confederações esportivas, clubes, associações esportivas e considerar, dentre suas atividades, algumas ações relacionadas a:

- Observação e análise de jogo;
- Organização de festivais e torneios esportivos;
- Realização de testes para avaliar o nível do conhecimento tático
- Observação e análise dos processos metodológicos de ensino e aprendizagem dos esportes.

Nesse sentido, o autor sugere que ações realizadas nos estágios devem incluir aspectos relacionados ao processo de ensino e formação esportiva, bem como aspectos referentes ao rendimento esportivo e suas interfaces com a pedagogia do esporte.

Entretanto, acredita-se que esse ideal nem sempre ocorre nos cursos de formação inicial, especialmente nas IES de natureza privada. Ao analisar a percepção dos alunos a partir da análise documental dos relatórios de estágio em uma instituição privada, Silva (2005) verificou o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e criativo dos alunos, o que evidenciou a consciência dos alunos sobre a relevância desses elementos no processo de formação inicial.

Entretanto, as condições em que os estágios vêm sendo desenvolvidos ainda precisam ser aprimoradas; mais especificamente, aquelas relacionadas ao trabalho oferecido aos orientadores de estágio.

Para Silva, Souza e Checa (2010) os orientadores de estágios, de instituições da Grande de São Paulo, não encontram condições de trabalho adequadas para trabalhar, com sua atuação limitada à ação de conferir os documentos e planilhas de carga horária, assim como da veracidade das assinaturas. Certamente, esta realidade pode ser diferente se desejarem, pois parece ser uma cultura da área de Educação Física. Na Enfermagem, p.ex., é bem diferente, ou seja, os docentes vão às clínicas supervisionar diretamente os alunos.

As autoras afirmaram que o papel dos orientadores é meramente burocrático e não-pedagógico na área de Educação Física. Nesse sentido, o estágio pode estimular os alunos a realizar práticas fraudulentas como a compra de relatórios prontos, falsificar assinaturas e até mesmo solicitar a outros profissionais que atestem práticas não realizadas.

Outro ponto sobre a formação inicial dos alunos refere-se às atividades complementares para a construção de conhecimentos profissionais que fundamentem a aquisição de competências e habilidades dos futuros profissionais, com interações entre a teoria e a prática que estimulem uma postura crítica e reflexiva dos alunos, segundo Parecer CNE/CES 58/04.

Em relação às atividades complementares Santos Silva, (2012) afirmou que existe um desconhecimento de sua temática e legislação, deixando de contemplar assim seu objetivo inicial; de articular a teoria e a prática da formação profissional.

Embora as instituições de ensino superior (IES) tenham liberdade para escolher as atividades que serão realizadas, orientar e oferecer suporte aos discentes, observa-se que as atividades complementares são encaradas como um requisito burocrático para os discentes.

Uma possibilidade de atividade que poderia ser realizada são as leituras obrigatórias e complementares, que representa um papel relevante no processo de aquisição do conhecimento.

Sobre os hábitos de leitura, Moura, Matsudo e Andrade (2001) afirmaram que os alunos do curso de Educação Física apresentaram um baixo volume de leitura de material específico durante esse período, além do fato que o material lido com mais

frequência foi o jornal com (57%), seguido de um empate entre as anotações do caderno e os livros técnicos (46%) com as revistas não técnicas na sequência.

Em concordância, Ferreira et al. (2004) afirmaram que tais hábitos de leitura não foram adequados ao contexto universitário inserido, sendo que não foram observadas diferenças significativas entre os ingressantes e concluintes e o tipo de material usado com mais frequência foi o caderno e os sites da internet.

Os autores retificaram ainda, a necessidade de enfatizar os materiais como livros e artigos como conteúdo de natureza técnica, para a aquisição de um conhecimento acadêmico em nível compatível com uma preparação profissional desejada.

Sobre as atividades complementares, essas devem ser implementadas desde o início do curso, de forma a ampliar sua formação profissional por meio de ações independentes, presenciais e/ou a distância que poderiam englobar monitorias, programas de iniciação científica, extensão cultural e universitária, congressos, cursos de formação continuada, dentre outras ações.

Assim, a partir de uma formação profissional generalista, atende-se aos requisitos legais para o exercício da função de técnico esportivo, mesmo com a ausência de uma preparação específica para o campo de atuação desejado.

Na prática, observa-se a seguinte situação: O professor da escola, que ministra as aulas de Educação Física, e tem seu foco em aspectos pedagógicos, educacionais e formativos dos indivíduos. Porém, não é necessariamente ele quem trabalha com as turmas de iniciação esportiva que também são desenvolvidas na escola, pois esta função deveria ser exercida pelo bacharel em Educação Física. Esse, por sua vez, busca desenvolver a iniciação esportiva pautada nos conceitos da pedagogia do esporte.

Nesse sentido, somente o profissional que possui dupla formação, tanto bacharelado quanto licenciatura em Educação Física, poderá transitar entre as áreas de atuação citadas. Ademais, será que a preparação profissional em Educação Física tem cumprido seu papel, ou seja, tem oferecido subsídios para os professores e técnicos atuarem no esporte?

Especificamente sobre os conhecimentos de natureza aplicada, como no caso do handebol, as vivências práticas oferecidas em cursos de formação inicial não podem ser restritas à transmissão de conteúdos somente com base empírica e

instrumental, mas se faz necessário relacionar tais experiências com conhecimentos específicos e necessários à atuação profissional dos técnicos esportivos.

Tani (1995, 2011) afirmou que a preparação profissional é um processo extremamente complexo e que não pode ser restrito somente ao âmbito da matriz curricular e que depende, antes de tudo, da definição clara do perfil profissional que se pretende formar. Também é relevante considerar que tal perfil deve estar relacionado ao mercado de trabalho e às condições sociais contemporâneas, ou seja, possuem uma característica muito dinâmica.

Sobre os fatores que influenciam um curso de preparação profissional, Tani (2007, 2011) citou sete itens, a saber: necessidades sociais, estrutura administrativa, corpo discente, corpo docente, corpo de conhecimento, proposta do programa e mercado de trabalho.

Sobre o corpo de conhecimentos dos cursos de formação inicial, observou-se que sua organização recebeu grande influência de um movimento denominado “movimento disciplinar” de origem americana na década de 60 e que teve seu reflexo no Brasil na década de 80, com a chegada dos primeiros professores que foram ao exterior realizar seu doutorado.

O movimento disciplinar veio como resposta à afirmação de James Bryant Conant, reitor de Harvard, no início dos anos 60, em que foi sugerido que as pesquisas realizadas pelos departamentos de Educação Física poderiam ser realizadas por outros departamentos, ou seja, a Educação Física não apresentava os requisitos para justificar sua permanência na Universidade enquanto área acadêmica.

Na época, tais declarações instauraram uma crise nos departamentos de Educação Física, fato que motivou Franklin Henry a apresentar o trabalho intitulado “Physical Education: An academic discipline” no 67º Annual Meeting of the National College Physical Education for Men (NCPEAM) em Dallas no ano de 1964, e republicado no JOHPER no mesmo ano.

Para justificar a permanência da Educação Física na Universidade, Henry (1964, p.32) afirmou que “se a disciplina acadêmica Educação Física não existe, devemos inventá-la”.

A proposta do autor sugeria uma mudança no foco das pesquisas: ao invés de focalizar o que a Educação Física poderia fazer pelas pessoas, os esforços

deveriam se concentrar na obtenção do status acadêmico a partir do seu desenvolvimento enquanto área de conhecimento.

Para Henry (1964) uma disciplina acadêmica caracteriza-se por possuir um corpo de conhecimentos organizado sobre o movimento humano e apresenta valor por si só, excluindo assim a necessidade de demonstrar seu valor prático.

A sugestão de Henry (1964) foi acatada rapidamente por profissionais envolvidos com pesquisa na Educação Física no ambiente acadêmico e modificou, não só a natureza das investigações, mas também a preparação profissional e a pós-graduação na área. Iniciava-se, então, o movimento que ficou conhecido como movimento disciplinar da Educação Física.

A estrutura sugerida pelo autor foi interdisciplinar, que ocorreria a partir da fragmentação da Educação Física em diferentes disciplinas oriundas de subdisciplinas das ciências-mãe. Dessa forma, o que se observou nos anos seguintes foi o aumento no interesse e na realização de pesquisa, com uma tendência cada vez maior de especialização dos temas investigados, fato que resultou na criação de subdisciplinas das áreas clássicas.

Entretanto, o que ocorreu foi uma ênfase em investigações direcionadas às subáreas como a psicologia do exercício/esporte, fisiologia do exercício, biologia do exercício, antropologia do esporte, sociologia do esporte, entre outras. Assim, o movimento humano representaria uma forma para investigar questões inerentes a tais subáreas, o que implica certa dependência a elas sem contribuir, necessariamente, para o desenvolvimento da Educação Física em si.

Como o foco estava direcionado à obtenção do status acadêmico, pesquisas básicas que utilizavam métodos e técnicas de investigação provenientes das ciências naturais e exatas foram privilegiadas, pois se apoiavam em metodologias ora consagradas pela literatura. Tal tendência de investigação perdura até os dias atuais, basta analisarmos a natureza das publicações predominantes em nossa área nos últimos trinta anos.

Posteriormente, em 1978, Henry escreveu um novo texto, agora publicado na QUEST, quando realizou ajustes em sua proposta inicial e sugeriu que a estrutura investigativa da Educação Física deveria substituir a interdisciplinaridade pela *crossdisciplinaridade*, cujo foco deveria estar no movimento humano com uma organização integrada de maneira vertical e horizontal. Entretanto, tais alterações demandariam mais tempo para serem incorporadas nas práticas investigativas da

Educação Física. Embora tal iniciativa tenha sido uma retratação perante a comunidade acadêmica, Henry ficou mais conhecido pela sua proposta anterior.

O movimento disciplinar proporcionou uma série de benefícios para a Educação Física, dentre os quais se destacam o aumento na oferta de cursos de graduação, o fortalecimento da pós-graduação a partir da aceitação de nossos pesquisadores não somente como pesquisadores da Educação Física, mas como especialistas em fisiologia, biomecânica, aprendizagem motora, entre outras. (LIMA, 1994)

Em complementação a tais benefícios, para Tani (1999), os resultados obtidos a partir do movimento disciplinar evidenciaram, inegavelmente, um avanço significativo no volume de trabalhos produzidos, aumento no número de periódicos e a quantidade de eventos científicos realizados. Outro ponto a ser destacado refere-se à praticidade na realização de investigações, pois os métodos e técnicas de pesquisa utilizados foram provenientes de áreas ora consagradas na literatura.

Embora o movimento disciplinar tenha sido bem sucedido em seu objetivo principal, ou seja, a obtenção de status acadêmico, foram observados dois problemas: a fragmentação do conhecimento e o abandono de estudos profissionalizantes. (TANI, 1996)

A fragmentação do conhecimento ocorreu porque as pesquisas organizadas em subáreas promovem uma aproximação das ciências-mãe de origem, sem um eixo comum e sem aglutinar esforços para caracterizar uma área própria de estudos. Dessa forma, houve um acúmulo de conhecimentos relevantes, porém, desconexos devido à ausência de uma orientação na integração temática e em diferentes níveis de análise de um mesmo objeto de estudo.

Em respeito ao problema do abandono de estudos com temas profissionalizantes, foi observada uma escassez de pesquisas aplicadas, cujo resultado poderia fundamentar a preparação e a prática profissional da Educação Física. Dessa forma, cada disciplina desenvolve seu conteúdo isoladamente, sem interações com as diferentes disciplinas que compõem a Educação Física, e o resultado foi a formação de profissionais com competência analítica, porém, com grande deficiência na integração de conhecimentos. O grande impacto pode ser observado no distanciamento cada vez maior entre a teoria e a prática, princípio contrário de uma profissão academicamente orientada. (TANI, 1996)

Assim, parece que ficou instaurada novamente uma crise de identidade na Educação Física, Oliveira (1984, p.14) já afirmava “a Educação Física não perdeu sua identidade, parece que ela tem saudades de coisas que nem chegou a ter”.

Para Lima (1996) e Tani (1999) os pesquisadores da Educação Física foram singelos ao acreditar que a realização de pesquisas em subáreas, sem nenhuma conexão entre si, contribuiria para a formatação de um corpo integrado de conhecimentos de maneira a evidenciar uma identidade acadêmica à área de sustentação teórica e à prática profissional.

Especificamente, sobre a fragmentação do conhecimento, é importante ressaltar que na época da proposição inicial de Henry na década de 60, o paradigma de investigação vigente era reducionista e mecanicista. Assim, a fragmentação do conhecimento ocorre também como uma consequência de tal concepção epistemológica.

As críticas deveriam considerar tal fato, pois seria ingênuo, por parte dos profissionais, criticar o movimento disciplinar e creditar somente a ele a fragmentação do conhecimento produzido pela Educação Física.

Infelizmente, são poucos os profissionais de Educação Física que conhecem a trajetória dessa profissão. Quem sabe, se os mesmos estudassem a Educação Física em uma perspectiva diferente, eles poderiam refletir e buscar alternativas para o problema da fragmentação da área e falta de identidade acadêmica.

Acredita-se que os profissionais precisam modificar suas práticas investigativas, pois, para evitar a fragmentação faz-se necessário uma comunicação entre as diferentes áreas e as investigações devem ser temáticas e utilizar abordagens integradas (TANI, 1999). E, assim, será possível ocorrer a integração horizontal e vertical do conhecimento. E mais, poderemos pensar em investigar temas mais profissionalizantes, com o foco das pesquisas aplicadas à prática e intervenção profissional para a Educação Física.

A graduação em Educação Física e Esporte no cenário nacional apresenta, ainda, algumas considerações quanto à procedência da instituição, que poderia ser pública ou privada, como também à política adotada em relação ao tripé ensino/pesquisa/extensão.

As Universidades públicas têm o foco na formação com mais autonomia e ênfase na pesquisa, e promove grupos de estudos e programas de iniciação científica ao longo do curso. A natureza dos conteúdos abordados no tripé

universitário são reflexos da formação e linhas de pesquisa dos docentes, contratados a partir de processo seletivo que prioriza a produção acadêmica em comparação à formação específica e à experiência para as vagas disponibilizadas.

Em respeito às Universidades particulares, com exceção de poucas instituições, existe ênfase no mercado de trabalho e no atendimento às exigências legais, com base nas diretrizes curriculares. Assim, trata-se de cursos de formação generalista e com pouca ênfase na preparação profissional, sendo que a habilitação é no bacharelado/graduação em Educação Física em todos os seus possíveis campos de atuação, da qualidade de vida ao esporte de alto rendimento.

Especificamente sobre um curso direcionado a formação de profissionais para atuar com o esporte, Santos Silva (2012) citou que poucas IES optaram pelo seu oferecimento, seja por questões mercadológicas no caso das IES particulares, ou pela opção de manter sua rigidez universitária ou outros fatores desconhecidos no caso das IES públicas. A autora cita ainda que a procura e o oferecimento dos cursos específicos de esporte, em comparação aos cursos de Educação Física é baixa.

Para analisar um modelo nacional de formação profissional, será tomado como modelo o curso de Bacharelado em Esporte da Escola da Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, o primeiro em nossa realidade a priorizar o contexto do esporte e treinamento esportivo.

Segundo a Comissão de Graduação da EEFÉUSP, o objetivo do curso é capacitar profissionais para atuar no esporte em diferentes níveis, da iniciação ao alto rendimento e tipos de organizações como clubes, agremiações, federações e confederações, escolas de iniciação esportiva, centros esportivos, institutos de pesquisa e consultorias esportivas em geral.

Para sua formação, os alunos receberão conhecimentos para a atuação no planejamento, administração, organização e execução de competições, eventos esportivos, promoção de talentos esportivos, preparação física, treinamento técnico-tático, avaliação e atividades direcionadas a diferentes populações como atletas de alto rendimento, iniciação esportiva e pessoas com deficiência.

O curso de Bacharelado em Esporte tem a duração mínima de oito semestres e carga horária de 3945 horas com disciplinas obrigatórias, 240 de disciplinas optativas eletivas com um total de 4185 horas mais 360 horas de estágio.

A matriz curricular do curso de Bacharelado em Esporte está disposta no Quadro 2, a seguir.

1º Período	- Introdução à Educação Física e Esporte - Anatomia Geral - Fisiologia - Fundamentos da Administração - Introdução a Pesquisa Científica - Bioquímica e Biologia Molecular
2º Período	- Introdução à Educação Física e Esporte II - Anatomia do Aparelho Locomotor - Bioquímica da Atividade Motora - Controle Motor - Fundamentos de Saúde Pública em Educação Física e Esporte - Noções de Estatística
3º Período	- Seminário em Educação Física e Esporte - Fundamentos de Microeconomia - Fisiologia da Atividade Motora I - Nutrição e Atividade Motora - Crescimento e Desenvolvimento Humano - Fundamentos da Biomecânica - Aprendizagem Motora - Medidas e Avaliação da Atividade Motora - Socorros de Urgência - Dimensões Filosóficas da Educação Física e do Esporte
4º Período	- Fisiologia da Atividade Motora II - Biomecânica Aplicada - Dimensões Econômicas e Administrativas da Educação Física e Esporte - Dimensões Sociológicas da Educação Física e Esporte - Dimensões Históricas da Educação Física e Esporte - Dimensões Psicológicas da Educação Física e Esporte - Dimensões Antropológicas da Educação Física e Esporte
5º Período	- Atletismo I - Esporte e Deficiência I - Natação I - Teoria do Treinamento Esportivo - Tópicos avançados em Biomecânica - Esporte e Medicina - Marketing e Organização de Eventos Esportivos - Esporte e Meio Ambiente - Ginástica Olímpica I - Pedagogia de Modalidades de Combate, Lutas e Artes Marciais

6º Período	- Handebol I - Estágio Supervisionado em Esporte I - Modalidades Esportivas e Alternativas I - Voleibol I - Pedagogia do Esporte - Futebol I - Monografia em Esporte I - Jornalismo Esportivo - Atletismo II - Natação II - Ginástica Olímpica II - Esporte e Deficiência II - Treinamento de Força aplicado ao Esporte - Treinamento a Longo Prazo e Talento Esportivo - Karate
7º Período	- Estágio Supervisionado em Esporte II - Legislação e Política no Esporte - Basquetebol I - Judô I - Modalidades Esportivas e Alternativas II - Técnicas em Psicossociologia do Esporte - Monografia em Esporte II - Futebol II - Handebol II - Voleibol II - Futsal - Avaliação no Esporte - Treinamento da Potência Aeróbia - Canoagem - Remo - Análise de Jogo - Modalidades Esportivas Coletivas
8º Período	- Estágio Supervisionado em Esporte III - Monografia em Esporte III - Basquetebol II - Judô II - Tênis - Planejamento do Treinamento Físico-Esportivo
Disciplinas Optativas Livres	- Arte Marcial Chinesa: Cultura e Movimento - Lazer e Movimento - Aprendizagem Motora Aplicada a Educação Física e Esporte

Quadro 2: Matriz curricular do curso de Esporte da EEFEEUSP

A disciplina específica de handebol está no 6º período, tem a carga horária de 60 horas. e faz parte das disciplinas obrigatórias.

Ao analisar sua ementa e conteúdo programático (Anexo 1), observou-se uma introdução a conceitos históricos e sociais da modalidade, entendimento de suas regras de jogo e uma ênfase aos conteúdos técnicos da modalidade, em nível

individual, assim como noções básicas coletivas e específicas do posto específico do goleiro.

Já a disciplina Handebol II (Anexo 2) que se encontra no 7º período, tem a carga horária de 60 horas e é considerada uma disciplina eletiva. Observou-se que a disciplina concentra seu programa em três grandes blocos: a caracterização dos aspectos fundamentais do handebol, com discussões acerca de aspectos técnicos, contexto atual e diretrizes para o treinamento físico e motor, bem como de aspectos social de uma equipe.

O desempenho esportivo considera uma abordagem cinesiológica das técnicas do handebol, meios e métodos de treinamento físico, aspectos nutricionais e lesões decorrentes da prática da modalidade. Para finalizar, conteúdos sobre o desempenho sob a ótica técnico-tática em nível coletivo, bem como do posto específico do goleiro.

O modelo do curso de esporte seguiu uma organização curricular que considerou uma primeira parte do curso com conteúdos básicos da biodinâmica, pedagogia e estudos socioculturais do movimento humano, onde os alunos assistem as disciplinas com os alunos de outros cursos como a graduação em Educação Física.

Não foram observadas disciplinas que integrem conhecimentos relacionados ao esporte, com exceção das disciplinas “Pedagogia do Esporte” e “Pedagogia de Modalidades de Combate Lutas e Artes Marciais”.

Nesse sentido, o curso em geral trata dos diferentes temas que influenciam o desempenho esportivo de forma isolada, sendo que cabe aos alunos estabelecer as relações entre as diferentes áreas de investigação e intervenção profissional no esporte, conforme o movimento disciplinar apresentado anteriormente.

Calegari (2002) citou ainda sobre a necessidade da formação de profissionais em condições de compreender a complexidade do esporte, e que ao mesmo tempo considerem as incertezas e imprevistos que podem ocorrer em sua intervenção profissional.

O autor verificou ainda que a formação de técnicos em nível nacional tem característica tecnicismo, fragmentada e direcionada a conteúdos técnicos. Como sugestão a esse problema citou os modelos desenvolvidos na Alemanha e Espanha, que se mostraram mais consistentes e com conteúdos que integram a teoria e prática.

Outro ponto é a ausência de conteúdos relacionados à intervenção profissional do técnico, conforme conteúdos sugeridos pelo ICCE e NCCP, que extrapolam questões técnicas e táticas da modalidade como uma intervenção profissional que valorize relações interpessoais e intrapessoais com base na ética e uma filosofia de trabalho com base no contexto atual. (CAC, 2012; ICCE e ASOIF, 2012).

Nesse sentido, foi levantada a seguinte lacuna: Como essa formação pode atingir a demanda de, formar profissionais capazes de desenvolver sua capacidade de síntese e expressá-la de forma prática, em sua intervenção profissional que o desafia a romper a lógica disciplinar?

4.4. Formação do Técnico de Handebol

A formação profissional do técnico de handebol em nível internacional segue um modelo baseado em licenças para atuação, similar ao sistema Confef/Cref (habilitações para licenciados e bacharéis), e que determinam qual o nível competitivo que o indivíduo pode atuar, sendo permitida a evolução profissional a partir da participação nos cursos de formação continuada e ampliação da licença de atuação.

O modelo de licenças de treinadores é organizado pelas confederações nacionais e contam com o apoio e suporte de associações nacionais de técnicos, bem como dos Comitês Olímpicos e/ou Ministério da Educação.

Nesse sentido, serão apresentados os modelos de formação do treinador na Alemanha e Espanha, por seu reconhecimento em nível internacional. Serão apresentadas, também, as ações realizadas pela Confederação Brasileira de Handebol.

4.4.1. O modelo Alemão

A Confederação Alemã de handebol(DHB) organiza e avalia a formação dos treinadores em nível nacional a partir de cursos de formação e oferece os seguintes níveis de licenças para treinadores:

Licença A: para treinadores de clubes de alto rendimento

Licença B: para treinadores de clubes em categorias de base

Licença B/C: para ex-atletas que demonstraram vários anos de experiência na liga Alemã e nas seleções nacionais.

Licença C: para assistentes ou auxiliares de treinadores ou técnicos que atuam na iniciação esportiva e no esporte de participação até a categoria juvenil.

O sistema de formação compreende a realização de cursos específicos com o cumprimento de créditos (cada crédito equivale a 45 minutos) em aulas teóricas e práticas, estágio de observação e exames escritos e práticos para a obtenção das licenças.

4.4.1.1. Aquisição da licença C

Para a obtenção da licença C é necessário apresentar um histórico de atleta e a realização de um curso de primeiros socorros em entidades credenciadas pela DHB. Um curso de arbitragem também é recomendado e a idade mínima de participação é de 16 anos.

A formação é composta por 120 créditos e tem como objetivo principal o desenvolvimento da competência individual de crianças no contexto técnico, tático e estratégico do handebol. Os créditos foram organizados em cinco módulos conforme apresentados nos Quadros 2 a 6 a seguir.

Treinamento com Crianças	Créditos
Treinamento com crianças - Estrutura do desempenho esportivo no handebol - Caracterização do jogo de handebol - Fases do jogo	2
Aspectos Sociais e Psicológicos - Bases Pedagógicas - Competências sociais - Estilos de liderança - Particularidades sociais e psicológicas	2
Concepção da Confederação Alemã de Handebol - Introdução à estratégia de formação DHB - Filosofia de treinamento alemão	2
Aspectos Administrativos - Introdução à teoria de formação - Desenvolvimento de ações na formação	2
Aprendizagem Motora - Fases da aprendizagem motora	1

Treinamento da Técnica - Noções básicas da formação técnica: descrição do movimento ideal - Análise do movimento - Séries de movimentos	3
Treinamento da Coordenação - Noções básicas da coordenação	2
Treinamento Esportivo - Componentes da aptidão física - Controle de cargas - Perfil e cargas específicas do handebol - Bases de elementos do atletismo e ginástica - Caracterização biológica para o treinamento	4
Natureza DHB de Ensino - Noções básicas de movimentos e exercícios - Técnicas e posições básicas na defesa	2
Posição e técnicas ofensivas - Noções básicas de movimento e exercícios - Técnicas e ações ofensivas em apoio e suspensão	5
Formação Defensiva - Defesa individual - Cobertura na defesa 1:5	3
Medicina Esportiva - Primeiros Socorros para lesões esportivas	1
Treinamento Técnico - Particularidades etárias nas habilidades motoras - Variação da ação técnica	3
Aplicação de jogos - Treinos motivacionais a partir de jogos e brincadeiras	3
Mini Handebol - Adaptação às regras - Organização de festivais	3
Regras e regulamentos do jogo	3
Total Módulo	40

Quadro 3: Conteúdos referentes ao módulo Treinamento com Crianças

O módulo "Treinamento com crianças", que tem a duração de 40 créditos e é equivalente a 30 horas, parece apresentar uma introdução ao treinamento esportivo direcionado às crianças, sendo que vale destacar a abrangência de conteúdos, que englobam aspectos físicos e técnicos do treinamento, introdução aos conceitos e filosofia alemã de handebol e aspectos sociais e de gestão aplicadas à modalidade.

Treinamento Básico 2	Créditos
Metodologia do treinamento - Princípios do treinamento - Periodização	2
Treinamento da Coordenação 2 - Aquecimento com atividades coordenativas - Fundamentos da prática - Formação da coordenação	2
Treinamento Esportivo 2 - Capacidades físicas	4
Desenvolvimento de Equipes - Competências sociais - Fundamentos psicológicos	4
Goleiro - Requisitos - Movimentos e técnicas básicas - Tipos de defesas - Organização da formação	6
Contra Ataque - Transição rápida defesa/ataque - Primeira onda - Transição da primeira para a segunda onda - Transição ataque/defesa	2
Total Módulo	20

Quadro 4: Conteúdos referentes ao módulo Treinamento Básico 2

O "Treinamento básico 2" que tem a duração de 20 créditos e é equivalente a 15 horas, prioriza conteúdos de treinamento físico, com prioridade nas capacidades físicas e coordenativas, e sobre a intervenção do técnico com aspectos relacionados à gestão de equipes. Os aspectos específicos da modalidade compreendem o contra ataque e a posição específica do goleiro. O Quadro 5, a seguir, apresenta o módulo Interações Cooperativas.

Interações Cooperativas	Créditos
Formação defensiva - Cobertura e auxílio defensivos - Contra bloqueios e trocas de marcação	5
Formação Defensiva - Cooperação goleiro e defensores	2
Formação Ofensiva - Ataque em circulação	2
Formação Ofensiva - Cruzamentos	2

Formação Ofensiva - Bloqueios	2
Formação Ofensiva - Transição	2
Formação de Ataque - Fintas e lançamentos	3
Total Módulo	18

Quadro 5: Conteúdos referentes ao módulo Interações Cooperativas

Treinamento técnico / tática individual	Créditos
Formação ofensiva - Postos específicos - Variações posicionais	8
Formação de ataque - Fintas e desmarques	8
Formação defensiva - 1x1: antecipação, recuperação de bola e pressão	2
Formação defensiva - Posicionamento defensivo	2
Total Módulo	20

Quadro 6: Conteúdos referentes ao módulo Treinamento técnico tático individual.

Especificamente os módulos “Treinamento técnico tático individual”, “Interações Cooperativas” e “Táticas de Equipes” se referem aos conteúdos específicos da iniciação ao handebol, com aspectos que já evidenciam a filosofia Alemã da modalidade, que destacam a construção de uma base consistente em situações individuais, como em situações específicas de 1 x 1, com passagens pelos postos específicos.

A carga horária total de 56 créditos ou 42 horas equivale a praticamente 50% do total exigido para a aquisição da licença C.

Táticas de Equipes	Créditos
Formação Ofensiva - Ataque livre e circulação de bola - Jogo Posicional	12
Formação defensiva - defesa em duas linhas: 1:5, 3:3 e 3:2:1	8
Total Módulo	18

Quadro 7: Conteúdos referentes ao módulo Táticas de equipes

O programa conta também com uma cooperação entre as escolas de iniciação esportiva e os clubes que equivalem a 2 créditos, onde é realizado o acompanhamento de sessões de treinos,

Após a conclusão dos créditos, será realizado um exame escrito e uma aula demonstrativa de 20 minutos.

Além da formação obtida por meio dos cursos oferecidos pela Confederação Alemã de Handebol (DHB), existe um sistema de reconhecimento e validação de títulos obtidos a partir da formação em cursos de graduação e pós na área de ciências do esporte.

A licença C poderá ser atribuída aos alunos de graduação que tiveram em sua matriz curricular 120 créditos de conteúdos específicos de handebol, com a apresentação dos conteúdos e trabalhos analisados por membros da DHB, além da realização de uma apresentação prática de 20 minutos seguida de um exame teórico.

4.4.1.2. Aquisição da licença B

A licença B compreende a formação de treinadores para a promoção de talentos e está direcionado às competições esportivas até a primeira divisão. E, para se inscrever, é necessária a qualificação de treinador C.

A estrutura do curso de formação do nível B é apresentada nos Quadros 8, 9 e 10, a seguir:

Módulo	Créditos
Formação Básica 3	
Gestão do treinamento - Periodização esportiva - Análise e controle do treinamento	4
Treinamento da coordenação no handebol	2
Treinamento Esportivo 3 - Requisitos atléticos do handebol moderno - Bases fisiológicas - Capacidades físicas - Análises de desempenho	6

Coaching - Exigências do treinador orientado ao desempenho - Treinamento em diferentes situações de jogo - Fundamentos do pré-jogo e pós-processamento	4
Treinamento Goleiro - Controle do treinamento em situações de jogo - Comportamento tático individual - Cooperação com a defesa - Contra ataques	4
Contra Ataque - Primeira e segunda onda - Transições entre as ondas	4
Medicina Esportiva 2 - Ações preventivas - Nutrição - Recuperação - Doping - Reabilitação de lesões	2
Total Módulo	26

Quadro 8: Conteúdos referentes ao módulo Formação Básica 3

O Módulo Formação Básica 3 combina aspectos relacionados ao treinamento esportivo aplicados ao handebol, e aprofundam conceitos relacionados ao goleiro e contra ataque.

Táticos de Grupo/ Interações Cooperativas	Créditos
Formação ofensiva e defensiva	6
Interações em grupos ofensivas e defensivas - 3x3, 4x3, 4x4, 5x4.	8
Total Módulo	14

Quadro 9: Conteúdos referentes ao módulo Táticas de grupo

Como a licença B autoriza os técnicos a atuarem no processo de formação esportiva, o módulo também apresenta conteúdos sobre a intervenção profissional com base em aspectos de elaboração de treinos e preparação de equipes para jogos e competições.

Táticas de Equipe / Sistemas de jogo	Créditos
Formação ofensiva - Combinações táticas - Situações especiais: assimetrias	8

Formações Defensivas - Princípios gerais - Sistemas 4:2, 5:1 e 6:0	8
Total Módulo	16

Quadro 10: Conteúdos referentes ao módulo Táticas de Equipe

Os módulos específicos de handebol consideram conteúdos específicos técnico-táticos em grupo e equipes, de forma a complementar a licença C que periodizou aspectos individuais do ponto de vista técnico e tático.

Ao analisar os conteúdos, observou-se a filosofia alemã de formação e treinamento no handebol, pois parece valorizar aspectos ofensivos que compreendem conceitos como as assimetrias e as possibilidades de interações de grupo em pequenas sociedades. Nos aspectos defensivos a evolução das ações também considera assimetrias e princípios que vão dos sistemas defensivos individuais e com características abertas para os sistemas fechados e com somente uma linha defensiva.

Após a conclusão dos créditos, será realizado um exame escrito de 90 minutos e uma aula demonstrativa de 30 minutos, além de um exame oral também de 30 minutos.

A licença B poderá ser atribuída também aos alunos que obtiveram pós-graduação em ciências do esporte, desde que seu curso tenha membros credenciados pela DHB, possua a licença C e, no mínimo, 1 ano de trabalho comprovado em clubes. O exame será composto por uma apresentação prática de 30 minutos e prova escrita.

4.4.1.3. Aquisição da licença B/C

Um tipo específico de licença direcionado a ex-atletas de alto rendimento e com experiência esportiva comprovada é a licença tipo B/C, que tem a carga horária de 120 créditos. Como parte do pressuposto que essas pessoas já possuam conhecimentos técnicos e táticos em níveis avançados, os conteúdos são direcionados aos processos de planejamento e elaboração de treinamentos, bem como para métodos e estratégias de aplicações de sessões de treinos.

A formação tem a duração de duas semanas, e o conteúdo é apresentado no Quadro 11.

Conteúdo	Carga horária
Estrutura do desempenho esportivo	3
Terminologia específica	13
Técnicas e táticas do handebol	11
Aprendizagem e controle motor	16
Capacidade física	16
Estratégias para a construção de treinos	31
Avaliações dos treinamentos	6
Periodização e planejamento de uma equipe e criação de um conceito de jogo	6
Gestão de equipes e coaching	5
Avaliações de desempenho	4
Análises de jogo	2
Medicina esportiva e doping	3
Total	120

Quadro 11: Conteúdos referentes à licença especial B/C

A confederação Alemã valoriza a experiência prática de atletas e, na transição da carreira de atletas para técnico, os conteúdos necessários para sua atuação profissional contemplam aspectos gerais do treinamento esportivo.

O exame considera uma demonstração prática de 30 minutos, uma prova escrita de 120 minutos e um exame oral de mais 30 minutos.

4.4.1.4. Aquisição da licença A

Para completar o modelo Alemão, a licença A é direcionada aos treinadores de alto nível de rendimento e a participação depende da obtenção anterior da licença tipo B e a comprovação mínima de dois anos de trabalho em clubes de primeira ou segunda divisão na Bundesliga.

O Quadro 12, a seguir, ilustra os módulos de formação para a obtenção da licença A.

Módulos de formação	Carga horária
Noções básicas de táticas - Análise de jogo mundial - Metodologia do treino tático	8
Táticas de Equipe - Defesa 6:0, 5:1, 3:2:1 e em inferioridade numérica	12
Ataque - Princípios ataque 3:3 contra 6:0, ataque 2:4 - Contra defesas abertas, 3:2:1 e em inferioridade numérica	12
Contra- Ataque	4
Táticas individuais e de grupo - Ataque - Defesa - Goleiro	10
Treinamento Esportivo - Otimização do treinamento - Adaptações de cargas - Capacidades físicas	24
Gestão de Equipes - Fatores de sucesso do handebol mundial - Observação de jogo - Controle de treino - Aspectos filosóficos e perfil do treinador - Preparação do os exames	30
Coaching - Relacionamentos atletas - Competências sociais - Motivação e comunicação - Gestão de conflitos - Gestão de pessoas - Media Training	40
Elaboração de projetos 1 - Conceitos e filosofia DHB - Arbitragem - Estratégias de formação DHB	20
Elaboração de projetos II - Análise competitiva - Promoção de talentos - Concepção e filosofia de treino	20
Total	120

Quadro 12: Conteúdos referentes à licença A

A licença A, dentro da perspectiva da Confederação Alemã, destina-se exclusivamente aos técnicos de alto rendimento esportivo no handebol, pois sua participação depende da comprovação prática em equipes esportivas, o que pressupõe a valorização da experiência profissional.

A sustentabilidade da modalidade compõe um dos objetivos da licença A, como se observou nos módulos de elaboração de projetos I e II, que destina praticamente 30% da carga horária para aspectos relacionados à formação esportiva.

Outro ponto de destaque relaciona-se aos conteúdos de intervenção do técnico com o módulo de coaching, que trata de conteúdos específicos de relacionamento, motivação, gestão e até comunicação com a imprensa esportiva.

A avaliação é composta por aula demonstrativa de 30 minutos, e o tema é sorteado até duas horas antes, além de exame escrito e prático. A carga horária é de 185 créditos, acrescido de duas semanas de estágio de observação de uma equipe de primeira e segunda divisão da Liga Alemã.

Ao analisar o modelo Alemão de formação de técnicos, observa-se claramente a importância atribuída aos aspectos técnicos e táticos da modalidade a partir de sua filosofia de jogo, que compreende uma evolução que parte de aspectos individuais com a implementação de conceitos coletivos de forma gradual e com variações específicas que podem ocorrer no jogo, como as assimetrias.

Observou-se tendência também de valorizar aspectos gerais do técnico e sua intervenção profissional, a partir de conteúdos que valorizam a gestão de equipes e projetos, e até mesmo aspectos relacionados ao técnico em si com a determinação de sua filosofia profissional.

Um ponto de destaque é a valorização da experiência prática, tanto na formação dos técnicos nos diferentes níveis de licença, como na formação diferenciada dos ex-atletas que vivenciaram o handebol em nível competitivo.

A Confederação Alemã também considera que a formação do profissional para trabalhar com o esporte tenha conhecimentos específicos que contemplem habilidades de relacionamentos interpessoais e intrapessoais, como sugeriu o ICCE em seu documento norteador (ICCE e ASOIF, 2012).

Assim, a formação parece se preocupar com aspectos específicos dos atletas, como a formação de futuros atletas, e a própria formação do técnico em si e com a sustentabilidade do handebol Alemão.

4.4.2. O modelo Espanhol

A formação de treinadores na Espanha foi estruturada desde a década de 70, a partir de uma escola nacional que exige uma licença para que o profissional possa atuar nas ações promovidas pela Real Federação Espanhola de Handebol. (ESPANHA, 2004)

Além das licenças, existe também a abrangência de atuação, similar ao bacharelado e licenciatura na realidade nacional, que compreende o monitor, e o treinador regional e nacional.

A formação foi organizada a partir de licenças para quem completou o ensino médio (técnico esportivo de handebol) e superior (Técnico esportivo superior no handebol) e foi estruturado em quatro blocos: comum, específico, complementar, formação prática e a elaboração de um projeto final.

O curso técnico foi organizado em dois níveis e possibilita a atuação em programas de formação e iniciação esportiva (nível I), além de participar de competições em categorias de base e alto rendimento (nível II).

4.4.2.1. Bloco comum e específico

Para o ingresso, o aluno deverá passar por um exame prático que avaliará a qualidade de execução técnicas dos fundamentos do handebol, bem como de seu comportamento em situação de jogo com duração de 10 minutos.

Nesse sentido, observa-se que ocorre a valorização de experiência na modalidade, que pode ser complementada com os conhecimentos teóricos e práticos subjacentes a função de técnico.

A carga horária estabelecida para o técnico esportivo é de 380 horas para o nível I e 570 horas para o nível II, o que totaliza 950 horas na formação em nível técnico. No nível superior, a carga horária é de 750 horas.

A organização dos conteúdos do bloco comum está disposta no Quadro 13, a seguir.

Conteúdo	Nível I		Nível II	
	Teóricas	Práticas	Teóricas	Práticas
Bases anatômicas e fisiológicas do esporte	15		25	

Bases psicopedagógicas do ensino e treinamento esportivo	10		15	
Treinamento esportivo	10	5	15	10
Fundamentos sociológicos do esporte	5			
Organização e legislação esportiva	5		5	
Primeiros Socorros	10	5		
Teoria e sociologia do esporte			10	
Total	55	10	70	10
Carga horária total	65		80	

Quadro 13: Conteúdo referente ao bloco comum da formação de técnico esportivo.

O bloco comum oferece formação geral para o futuro treinador, porém em carga horária superior em comparação à exigência no nível nacional, pois a carga horária total desenvolvida é inferior a um semestre ou um período letivo em nossa realidade de formação superior em Educação Física e Esporte.

Entretanto, o modelo espanhol privilegia mais uma formação específica para o treinador, pois a carga horária é bem superior também quando comparado à nossa realidade, que apresenta entre 40 e 120 horas. Os conteúdos específicos da formação estão apresentados no Quadro 14, a seguir.

Conteúdo	Nível I		Nível II	
	Teóricas	Práticas	Teóricas	Práticas
Desenvolvimento profissional	5		5	
Direção de equipes			5	
Formação técnica e tática individual	10	5	15	10
Jogo coletivo ofensivo e defensivo			15	10
Metodologia de ensino e treinamento	15	5	10	5
Preparação física específica			10	5
Regras	5		5	
Segurança no Handebol - lesões e sua prevenção			5	
Técnicas básicas de organização no handebol	5			
Total	40	10	70	30

Carga horária total	80	110

Quadro 14: Conteúdo referente ao bloco específico da formação de técnico esportivo.

A formação específica contempla os conteúdos específicos e aplicados ao handebol com maior profundidade na perspectiva teórica e prática quando comparada à formação inicial em nível nacional, que em termos gerais apresenta uma introdução aos aspectos técnicos, táticos e estratégicos do handebol.

Em relação à formação de técnico em nível superior, o referido modelo não é exclusivo da graduação na área de Educação Física e Esporte podendo também contemplar a formação em nível superior nas seguintes áreas:

- Educação Social;
- Ciências Empresariais;
- Enfermagem;
- Fisioterapia
- Trabalho Social;
- Terapia Ocupacional;
- Turismo
- Mestrado em todas as especialidades.

Os conteúdos e carga horária do bloco comum para a aquisição de título de treinador superior no handebol estão dispostos no Quadro 15, a seguir.

	Carga horária	
	Teórica	Prática
Bloco Comum		
Biomecânica do esporte	10	5
Treinamento de alto rendimento	15	15
Fisiologia do exercício	15	5
Gestão esportiva	25	
Psicologia do alto rendimento	5	5
Sociologia do esporte de alto rendimento	10	
Total	80	30

Quadro 15: Conteúdo referente ao bloco comum da formação de técnico esportivo superior.

A formação específica tem como objetivo aquela mais aplicada ao treinamento de handebol, e seus conteúdos e carga horária estão apresentadas no quadro 16, a seguir.

Bloco Comum	Carga horária	
	Teórica	Prática
Desenvolvimento profissional	10	
Direção de equipes	5	
Formação técnica e tática individual do handebol	10	5
Jogo coletivo ofensivo e defensivo	20	15
Metodologia do treinamento no handebol	15	5
Preparação física específica	15	5
Regras do jogo	5	
Segurança no handebol	5	
Total	85	30

Quadro 16: Conteúdo referente ao bloco específico da formação de técnico esportivo superior.

4.4.2.2. Bloco Complementar

O bloco complementar tem a carga horária de 40 horas (nível médio e superior) e apresenta como objetivos discutir as características de pessoas com necessidades especiais, bem como de planejar e aplicar programas específicos de handebol adaptado.

4.4.2.3. Bloco de Formação Prática

A formação prática equivale ao estágio supervisionado e tem como objetivo a visualização e aplicação práticas dos conteúdos apresentados anteriormente.

Esse bloco é organizado em três momentos, a observação, a colaboração e a atuação supervisionada e tem a carga horária de 290 horas no nível médio (80 horas no nível I e 110 horas no nível II) e 110 horas no nível superior.

4.4.2.4. Projeto Final

O projeto final consiste na elaboração de uma monografia experimental em um dos temas apresentados na formação e tem como objetivo verificar a capacidade do aluno de aplicar, integrar e sintetizar conhecimentos teóricos e práticos, além de atuar na prática profissional como técnico de handebol. As áreas para a realização de um trabalho teórico que compreende:

- Treinamento de jogadores e equipes de handebol;
- Direção técnica de equipes de handebol;
- Condicionamento físico de jogadores de handebol;
- Direção de técnicos esportivos;
- Direção de escola de handebol;
- Ensino do handebol.

4.4.2.5. Equivalências

Para a aquisição das licenças é necessário que os candidatos apresentem documentos das ações de formação profissional ou histórico de atleta que uma comissão específica realizará a análise de equivalências e indicará quais as áreas e blocos de conteúdos devem ser realizados para a aquisição dos títulos nos níveis II e III.

Especificamente para os cursos superiores em outras áreas, existe uma série de instituições reconhecidas pela Real Federação Espanhola de Handebol para a validação, e são analisadas a carga horária e os conteúdos desenvolvidos durante a formação realizada.

4.4.3. Ações da Confederação Brasileira de Handebol - CBHb

As ações para a formação e capacitação de técnicos no cenário nacional datam de períodos anteriores à fundação da CBHb, ocorrida em 1 de julho 1979 e que passou a ser a instituição responsável pela gestão da modalidade no país. No período anterior, a modalidade pertencia à Confederação Brasileira de Desportos.

Calegari (2002) citou que a primeira capacitação de treinadores ocorreu em Santos/SP no ano de 1954, onde o Francês Auguste Listello apresentou as

primeiras orientações técnicas da modalidade. Outra ação destacada foi o intercâmbio realizado pelo Ministério da Educação ao levar técnicos e atletas para um estágio de 30 dias na Romênia, em 1975.

A CBHb realizou oficialmente, quatro cursos do Programa Solidariedade Olímpica com a presença de treinadores reconhecidos internacionalmente: Bengt Johansson (Suécia) em 1993, Juan de Dios Roman Seco (Espanha) em 1995 e 1998 e Klaus Feldmann (Alemanha) em 2001 (CALEGARI, 2002).

Atualmente, a CBHb realiza ações específicas para o desenvolvimento do handebol brasileiro. E, para o desenvolvimento de recursos humanos os dirigentes optaram, inicialmente, por uma aproximação com as Universidades em todo o país, a partir do projeto denominado "Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras" (ENPH).

O referido evento é promovido desde 2002 e conta com o apoio do Ministério de Esporte e do Comitê Olímpico Brasileiro, sendo que seus objetivos são:

- Aprimorar a técnica, tática e teoria para professores de handebol das Universidades brasileiras;
- Atualizar e padronizar os procedimentos didático-pedagógicos da disciplina handebol;
- Proporcionar melhores condições de ensino;
- Otimizar a formação do professor de Educação Física;
- Contribuir para o desenvolvimento do handebol no meio acadêmico;
- Promover o intercâmbio entre as Universidades, técnicos e a CBHb;
- Desenvolver o handebol no Brasil

O projeto engloba a realização de seminários, apresentação de trabalhos científicos, aulas teóricas e práticas além da exposição e discussão acerca de propostas para a melhoria do ensino do handebol na graduação em Educação Física e Esporte.

O evento realizado no ano de 2003 discutiu sobre a criação e implantação de uma escola nacional de treinadores e árbitros, denominada ENAT, que teve sua elaboração realizada pela assessoria de desenvolvimento (CBHb, 2003).

Desde sua criação, observou-se que em vários momentos houve discussões acerca da ENAT, porém ainda não foram observadas ações específicas para a implantação e gestão de tal projeto até os dias atuais.

Em outros documentos da CBHb, oriundos de eventos oficiais da entidade, verificou-se o destaque atribuído a ENAT, como descrito na Ata da Assembleia Geral Ordinária Eletiva em 2013 sobre a introdução da Escola Nacional de Treinadores com o ex-treinador e consultor da Escola Espanhola de Treinadores Manuel Laguna.

No ano de 2014, foi aprovada a mudança do estatuto oficial da CBHb, que tem em seu quadro diretivo uma diretoria de desenvolvimento social com as seguintes atribuições, de acordo com o Art. 49:

a) participar da elaboração de eventos e da aquisição de materiais de conteúdo técnico e didático;

b) coordenar a elaboração de obras impressas de caráter educativo e instrucional com o propósito de divulgar os preceitos técnicos do handebol;

c) revisar e aprovar peças literárias e científicas que propaguem metodologias, doutrinas e teorias acerca das prescrições técnico-esportivas do handebol;

d) desenvolver o conteúdo programático e material didático visando à capacitação pedagógica e a qualificação técnica dos participantes de projetos pedagógicos coordenados pela CBHb;

e) desenvolver programas que visem proporcionar a prática do handebol para portadores de necessidades especiais;

f) elaborar e estimular a realização de programas que atendam e possibilitem a prática do handebol por pessoas da terceira idade;

g) manter contato permanente com o terceiro setor a fim de viabilizar a difusão da prática do handebol em todo o País e em todos os níveis sociais;

h) manter em funcionamento a Escola Nacional de Árbitros e Treinadores - ENAT, realizando cursos, encontros, palestras, seminários e congressos visando à capacitação e ao aprimoramento de técnicos, treinadores e árbitros.

i) criar e coordenar eventos que divulguem a boa imagem da CBHb perante a opinião pública;

j) difundir e incentivar a prática do mini-handebol, especialmente no âmbito escolar, através de convênios firmados com instituições educacionais como instrumento auxiliar da formação da cidadania.

Nesse sentido, ao analisar as atribuições dessa diretoria observou-se um potencial muito grande de ações que poderiam contribuir significativamente com o handebol nacional, especialmente, com relação ao aprimoramento profissional de

técnicos como citado nos itens a, b, c e d. Especificamente no item h, foi citada novamente a ENAT.

Embora a criação da ENAT tenha sido aprovada por documentos oficiais desde 2003, ainda observa-se pouco avanço na sua implantação.

Outro projeto que surgiu desses eventos foi a criação de um periódico eletrônico, denominado Revista do Handebol, no ano de 2009.

O propósito deste periódico eletrônico é realizar uma interface entre aqueles envolvidos no ambiente acadêmico e os profissionais que atuam diretamente em quadra, por meio da produção de pesquisas e a partir de uma seção denominada comunicações técnicas, com aplicações mais diretas do conhecimento na prática profissional. Infelizmente, tal projeto ainda não se concretizou na prática e acredita-se que ele poderia ser uma fonte de consulta relevante para os profissionais envolvidos com o handebol.

Entretanto, a realização do ENPH contempla apenas parte dos recursos humanos relacionados ao desenvolvimento do handebol no país. A participação é restrita aos professores de IES que atuam na formação inicial dos possíveis futuros técnicos esportivos.

Nesse sentido, não se observa a realização de ações similares, por parte da CBHb, e até mesmo das federações estaduais aos técnicos esportivos que atuam em nível escolar, estadual e nacional na formação das futuras gerações esportivas.

Entretanto, as ações realizadas pela Confederação Brasileira de Handebol ainda estão em nível de planejamento e discussão, sendo que em termos práticos observou-se uma padronização dos conteúdos a serem trabalhados na formação inicial, além da publicação de um livro denominado “Manual do Handebol”, publicado em 2012.

Embora se acredite que a implantação e a gestão de programas de formação, qualificação e certificação dos técnicos esportivos auxiliariam, expressivamente, no desenvolvimento esportivo nacional, não podemos afirmar que somente esse fato seria a solução para nossos problemas.

5. MATERIAIS E MÉTODO

O presente projeto de pesquisa terá um delineamento transversal com uma abordagem qualitativa para a análise dos dados.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que, segundo Negrine (2004) está centrada em descrever, analisar e interpretar as informações coletadas na investigação, na tentativa de entendê-las de forma contextualizada, sem a preocupação em generalizar os dados. Esse tipo de pesquisa responde às questões muito particulares e trabalha com o universo de significados, de motivos, de crenças, de aspirações, de valores e de atitudes.

Assim, o presente estudo não é finalizar na descrição, mas na análise e interpretação dos dados, além da interpelação entre as informações e procurará compreender as ações realizadas pela CBHb para o desenvolvimento dos profissionais de handebol no cenário nacional e comparar com os modelos desenvolvidos na Espanha e Alemanha por meio de uma pesquisa documental.

5.1. Amostra

A amostra foi composta por 11 documentos oficiais disponibilizados pela Confederação Brasileira de Handebol e que tem como objetivo o desenvolvimento de recursos humanos, especificamente, a formação de treinadores para atuar no cenário nacional e internacional.

O critério de escolha do material seguiu a lógica que considerou três fatores:

1 - Relevância do conteúdo, por se tratar de materiais relacionados à formação de treinadores.

2 - Confiabilidade, por se tratar de documentos oficiais da Confederação Brasileira de Handebol

3 - Atualidade, por conter praticamente documentos produzidos nos últimos dez anos.

5.2. Procedimentos para a análise dos dados

Para a aquisição do material, foi realizado um contato com os responsáveis pela elaboração dos documentos e com a assessoria de desenvolvimento da

Confederação Brasileira de Handebol. Na ocasião, foi realizada uma breve explanação dos objetivos da presente investigação.

Após a devida permissão, parte do material foi enviada por correio eletrônico e alguns documentos foram entregues pessoalmente ao pesquisador.

Para a análise das informações, os documentos foram organizados e identificados conforme o Quadro 17, a seguir:

Identificação	Código de classificação
Projeto Escola Nacional de Treinadores e Árbitros - ENAT	D1
Projeto de Especialização lato sensu de handebol	D2
Livro Manual de Handebol	D3
Relatório final do III Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D4
Relatório final do IV Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D5
Relatório final do V Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D6
Relatório final do VI Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D7
Relatório final do VII Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D8
Relatório final do VIII Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D9
Relatório final do IX Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D10
Relatório final do X Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior do Brasil - ENPH	D11

Quadro 17: Organização e siglas dos documentos analisados.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. Projeto da Escola Nacional de Treinadores - D1

O documento 1 (D1) foi o projeto da Escola Nacional de Treinadores e Árbitros (ENAT) e teve início em 2003 a partir de uma ação da Confederação Brasileira de Handebol em conjunto com as federações estaduais.

O projeto foi liderado pela assessoria de desenvolvimento da instituição e, conforme alteração estatutária da instituição, passou a se chamar Diretoria de Desenvolvimento Social. Ela é composta por três professores que tiveram em sua trajetória profissional a combinação entre a formação acadêmica (todos possuem o doutorado) e a experiência prática em alto nível.

Entre as fontes consultadas para sua elaboração estão os projetos da Confederação Brasileira de Voleibol, documentos da Federação Espanhola, Alemã e Portuguesa de Handebol, bem como do Instituto Nacional de Deportes da Argentina.

Embora o D1 tenha sido elaborado com base em programas de formação de treinadores consagrados internacionalmente, o projeto também contempla adaptações da realidade e do contexto do esporte no país.

A ENAT sugeriu a aproximação e a parceria com as Universidades Brasileiras, sendo que a Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG foi indicada como responsável pelo gerenciamento das ações a serem realizadas.

O projeto fez referência às diferentes manifestações sociais do esporte (lazer, prevenção e saúde, escolar, rendimento e alto nível) e foi organizado em licenças Estaduais e Nacionais com validade de 3 anos para atuar em função do nível de rendimento esportivo e seguiu a organização conforme o Quadro 18:

NÍVEL DE LICENÇA	ATUAÇÃO
Estadual Monitor - LM	Escolas e Categorias Mirim e Infantil
Estadual I - LNEI	Cadete e Juvenil
Estadual II - LNEII	Adulto
Nacional I - LNNI	Categorias de Base

Nacional II - LNNII	Categoria Adulto e Seleções Brasileira até categoria Juvenil
Nacional III - LNNIII	Seleção Brasileira em território Nacional
Internacional - LNTI	Seleção Brasileira em eventos Internacionais

Quadro 18: Organização das licenças - ENAT.

Para as licenças estaduais, que são responsabilidade das Federações Estaduais, foi sugerida a parceria com instituições de ensino superior locais que realizem suas ações com autonomia, contando com a supervisão técnica e administrativa da EEEFTO e CBHb.

A estratégia de organização em licenças específicas seguiu os modelos apresentados pela Alemanha e Espanha, porém, com a divisão em licenças estaduais e nacionais.

Acredita-se que tal modelo poderia ser simplificado para licenças somente em nível nacional, com as federações estaduais sendo parceiras da CBHb com a organização, formação e avaliação dos profissionais. Assim, poderia ocorrer uma formação padronizada com diretrizes gerais estabelecidas em nível nacional, pois a padronização representa uma forma de tentar garantir a qualidade do trabalho, além de possibilitar um mapeamento e diagnóstico do perfil dos profissionais, com seus méritos e dificuldades.

As ações de formação continuada contemplaram também a educação à distância, devido às dimensões de nossa realidade e sugeriu os conteúdos mínimos para cada nível de licença.

As áreas de competências foram divididas em competências gerais com base nas Ciências do Esporte e específicas do handebol.

As competências gerais consideraram uma organização dos conhecimentos da seguinte forma:

- Corpo Humano e Desenvolvimento: Anatomia, Fisiologia, Biomecânica, Fisioterapia entre outras.
- Filosófico, Homem e Sociedade: Psicologia, Sociologia entre outras.
- Técnico: Teoria do Treinamento Esportivo, Métodos e Processos de Treinamento.
- Científico Tecnológico: Diagnóstico e Avaliação, Observação e Análise de Jogo, Gestão.

Ao analisar as áreas do conhecimento citadas, observou-se que ocorreu a valorização de conhecimentos das dimensões biodinâmicas e pedagógicas do esporte. Embora os conhecimentos gerais sejam parte constituinte das competências gerais do profissional, não foi feita referência ao perfil profissional desejado, com habilidades e atitudes desejáveis para a intervenção profissional, como realizou o NCCP com suas cinco competências principais: valores, interações, liderança, pensamento crítico e resolução de problemas. E, essas competências são expressas em ações específicas dentre as quais podemos citar a manutenção de uma postura ética nas decisões, o planejamento da prática, o oferecimento de suporte aos atletas e o gerenciamento de um programa esportivo (CAC, 2012).

Os conteúdos abordados apresentaram similaridade com a formação inicial em Educação Física e Esporte, obrigatória em nosso país, sendo necessário o alinhamento com uma filosofia de trabalho estabelecida pela CBHb, para evitar assim a repetição de conteúdos e relacionar com o contexto específico do handebol contemporâneo.

Embora os conteúdos sugeridos sejam de grande relevância para a intervenção profissional, faz-se necessária a complementação e a aplicação de tais conhecimentos na realidade de trabalho encontrada atualmente em dois contextos: na formação e no rendimento esportivo.

A sugestão de organização do NCCP, assim como o ICCE indicaram que a formação e o desenvolvimento profissional considerem uma filosofia para a formação esportiva, o LTAD, com a divisão dos objetivos e pressupostos em função das características de crescimento e de desenvolvimento dos indivíduos. (CAC, 2014)

Além de nortear as ações gerais da formação esportiva, o LTAD também informa aos pais e à sociedade em geral os benefícios de se adotar uma perspectiva de desenvolvimento em longo prazo.

Especificamente sobre as competências gerais, o ICCE sugeriu ainda uma abordagem que considere a interação entre os conhecimentos básicos, os valores que norteiam as ações, as competências apresentadas em funções principais e a capacidade de realizar os trabalhos na prática. (ICCE e ASOIF, 2012)

Assim, as competências gerais consideram um modelo mais amplo, que não somente os conhecimentos, mas também as habilidades e as atitudes profissionais.

Em respeito às competências específicas do Handebol, a organização foi a seguinte:

- Conhecimentos Didático-Pedagógicos: Metodologia dos processos de ensino, aprendizagem e treinamento e teoria do treinamento esportivo aplicado.
- Conhecimentos Técnico-Funcionais: Treinamento técnico, tático, psicológico, *coaching*, e sistemas de jogo.
- Conhecimentos Estratégico-Funcionais: Organização, administração e marketing aplicados, planificação, regulação e controle dos processos de ensino, aprendizagem e treinamento e observação e análise de jogo.

Os conhecimentos específicos sugeridos não fizeram uma clara distinção entre os objetivos da intervenção profissional na formação e no rendimento esportivo, assim como não fizeram referências às expectativas teóricas e práticas para cada área.

Acredita-se que poderiam ter sido citados as referências teóricas que serão consideradas mais adequadas em função do contexto e dos recursos humanos disponíveis.

O primeiro nível (monitor) oferece uma chancela das federações estaduais e da CBHb para os alunos em formação que tenham sido aprovados na disciplina de handebol e que cumprirem a carga horária mínima de 90 horas. Para a obtenção da licença de monitor, o indivíduo deverá realizar pedido na federação estadual correspondente.

Para a aquisição da licença de monitor a CBHb poderia adotar um sistema de equivalência ou complementação da formação para aqueles que, por razões adversas, não atingiram os pressupostos citados.

Assim, os alunos que tiveram uma carga horária inferior a 90 horas, pois cada IES pode organizar sua matriz curricular conforme sua necessidade e conveniência, poderiam complementar sua formação com um curso ou estágio oferecido pela própria CBHb ou federação local, pois as diretrizes curriculares preveem a realização de atividades complementares e estágios durante a formação inicial.

A licença estadual I (LENI) também não exigirá nenhum curso ou formação específica, desde que a instituição tenha seu registro na CBHb e atenda às sugestões de conteúdos e carga horária da entidade. O indivíduo deverá solicitar emissão do certificado na federação estadual e ser registrado no sistema CREF/CONFED.

Não foram encontradas informações sobre a exigência de conteúdos mínimos estabelecidos pela direção da ENAT, bem como os critérios para cadastro da IES. Acredita-se que deveriam ser contemplados também aspectos práticos da formação com os estágios em escolas, clubes e entidades com profissionais que já desenvolvam seus trabalhos conforme filosofia e padronização sugerida pela CBHb, assim como realizado pela escola Espanhola e Alemã de técnicos.

A licença estadual II (LENII) exigirá um curso de formação com a carga horária de 150 horas, sendo 120 presenciais e 30 para a realização de estágios e estudos dirigidos.

A seguir, um quadro comparativo com os conteúdos e carga horária sugerida para as licenças estaduais (Quadro 19).

Disciplina	LENI	LENII
Aprendizagem e desenvolvimento motor	0	10
Pedagogia e metodologia da iniciação esportiva	15	10
Fisiologia do esporte	10	10
Medicina do esporte	0	5
Biomecânica e cinesiologia do handebol	0	10
Teoria e métodos do treinamento	10	10
Treinamento psicológico aplicado ao handebol	10	10
Metodologia do ensino, aprendizagem e treinamento técnico do handebol/treinamento técnico	15	15
Metodologia do ensino, aprendizagem e treinamento das posições específicas /treinamento das posições específicas	10	15
Metodologia do ensino, aprendizagem e treinamento tático do handebol/treinamento tático	10	15
Observação e estatística de jogo	0	5
Planificação e periodização do treinamento	0	5
Regras do jogo	10	10
Carga horária total	90	120

Quadro 19: Conteúdos e carga horária para licenças estaduais.

Ao analisar as disciplinas dos cursos para o nível I e II, observou-se que não houve uma diferenciação entre a formação e o rendimento esportivo, pois o nível I é direcionado até a categoria juvenil (18 anos). Os conteúdos da biodinâmica (fisiologia, medicina esportiva e biomecânica), aprendizagem e controle motor, pedagogia, métodos de ensino e conhecimentos específicos (análise de jogo, regras, periodização) parecem que não seguiram uma progressão lógica.

Os conteúdos da pedagogia apresentaram carga horária similar ou em alguns casos superior na licença nível II, ou seja, para atuar na categoria adulto, e sugerem que o estágio final de formação esportiva tenha maior ênfase em aspectos pedagógicos.

Outro aspecto observado foi a ausência de conteúdos sobre a formação e a intervenção do profissional em si, com a formação de competências que incluam também habilidades e atitudes profissionais dos técnicos, com conhecimentos que considerem aspectos intrapessoais e interpessoais, para completar os conhecimentos profissionais, conforme sugestões do ICCE e NCCP. (CAC, 2012; ICCE e ASOIF, 2012)

As ações específicas das licenças em nível nacional serão outorgadas pela CBHb e terão o suporte da EEEFTO/UFMG, sendo que outras instituições poderão se envolver no programa, para otimizar e facilitar o acesso aos cursos de formação. O Quadro 20, a seguir, ilustra os conteúdos e a carga horária para cada nível das licenças, ou seja, nacional e internacional.

Disciplinas	LNN1	LNN2	LNN3	LTi
Aprendizagem e desenvolvimento motor	10	0	0	0
Pedagogia e metodologia do treinamento	10	10	10	10
Fisiologia do esporte	10	10	10	10
Medicina do Esporte	10	10	10	10
Biomecânica e cinesiologia do handebol	10	0	0	0
Teoria e métodos do treinamento	10	10	10	10
Treinamento psicológico aplicado ao handebol	10	10	10	15

Treinamento técnico	10	15	15	15
Treinamento das posições específicas	5	10	10	10
Treinamento tático	15	20	20	20
Observação e estatística de jogo	5	5	5	5
Sistemas de jogo	5	10	15	10
Regras do jogo	10	10	5	5

Quadro 20: Conteúdos e carga horária para licenças nacionais e internacionais.

A carga horária de cada nível terá a duração de 120 horas, mais 30 horas de estudos dirigidos e/ou estágios supervisionados; para mudar de categoria, será necessária a comprovação prática de 2 anos de experiência. Acredita-se que os critérios para validação e comprovação de experiência deveriam considerar aspectos relacionados a um modelo de desenvolvimento em longo prazo, assim como o Canadá faz com o LTAD.

Acredita-se que as considerações ora sugeridas para as licenças em nível estadual também sejam aplicadas nas licenças em nível nacional.

O D1 sugeriu, também, uma maneira de revalidar as licenças nos níveis LNNI e LNNII, para os indivíduos que apresentarem títulos de especialização e mestrado, respectivamente, que tenham sua monografia/dissertação com temática referente ao handebol. Os candidatos terão que preencher documentação para solicitar a validação, que será analisada pela coordenação acadêmica da ENAT.

Embora as escolas de técnicos na Espanha e Alemanha também adotem critérios para equivalências, fica o questionamento se somente a realização dos cursos de pós-graduação citados seriam suficientes para a atribuição das licenças citadas. Os objetivos dos cursos da ENAT são diferentes e apresentam conteúdos específicos da modalidade.

Acredita-se que um sistema de equivalências seja necessário, porém, ainda carece de critérios mais claros e coerentes com o objetivo da ENAT. O NCCP adota um sistema de pontuação que o indivíduo acumula conforme cursos e workshops específicos para auxiliar sua intervenção profissional, bem como cursos específicos das modalidades esportivas.

Nesse sentido, as ações realizadas na pós graduação poderiam complementar também a formação do técnico e não substituí-la, pois os objetivos de quem procura

cada tipo de curso são distintos, com exceção dos cursos de especialização específicos de handebol.

Especificamente sobre o processo de construção do conhecimento, as ações da ENAT priorizam situações mediadas (MOON, 2004), por meio do cumprimento dos créditos provenientes das disciplinas obrigatórias.

O cumprimento de estágios e/ou estudos dirigidos para a aquisição da LEN II, assim como das licenças nacionais e internacionais, compõe cerca de 25% da carga horária total exigida.

Assim, ao comparar com as sugestões da NCCP, ICCE e escolas de treinadores na Espanha e Alemanha, a ENAT segue a tendência de valorizar os conhecimentos que podem ser adquiridos a partir de sua vivência e experiência profissional.

Especificamente no seu curso avançado, o NCCP prevê que os alunos terão o acompanhamento direto de um mentor/tutor para orientação durante a formatação dos trabalhos, assim como na escola Espanhola (AEBM, 2008; NCCP, 2014).

Acredita-se que a realização dos estágios e/ou estudos dirigidos também poderiam seguir um modelo de acompanhamento por um mentor previamente cadastrado pela CBHb para que essas atividades também sejam alinhadas de acordo com os objetivos da ENAT.

6.2. Projeto de curso de especialização em handebol- D2

O documento identificado como D2 é a proposta de um curso de especialização em Handebol, sendo um desdobramento do X Encontro Nacional de Professores de Handebol (ENPH) realizado em 2012. O projeto prevê ações presenciais e à distância, com a chancela oficial da CBHb.

O coordenador provisório do projeto é também o coordenador pedagógico desde a primeira edição do ENPH e os professores convidados serão compostos inicialmente pela comissão científica dos ENPH da CBHb e todos possuem, no mínimo, o título de mestre.

A proposta preliminar da matriz curricular sugerida, está representada no Quadro 21, a seguir:

Disciplinas	Carga horária	Modalidade de Ensino
Metodologia científica	45	EaD
Biomecânica	30	EaD
Fisiologia do esporte	30	EaD
Nutrição no esporte	30	EaD
Metodologia da iniciação esportiva	15	EaD
Seminário de aprendizagem e desenvolvimento motor	15	EaD
Seminário de Psicologia do esporte, direitos humanos, ética e sexualidade	45	EaD
Seminário da teoria do treinamento esportivo	30	EaD
Seminário de periodização e controle de cargas	30	Presencial/Prático/EaD
Sistema de jogo defensivo e ofensivo	30	Presencial/prático
Da iniciação ao alto rendimento - goleiros	30	Presencial/prático
Teoria e metodologia do treinamento técnico e tático	30	Presencial/prático
Treinamento tático ofensivo e defensivo	30	Presencial/prático
Treinamento técnico-tático defensivo e ofensivo	45	Presencial/prático
Trabalho de conclusão de curso	90	Presencial/EaD
Carga horária total	525	50% Presencial e 50% EaD

Quadro 21: Matriz curricular preliminar do curso de especialização em handebol.

Ao analisar o material do curso de especialização, observou-se que não houve uma discussão pedagógica aprofundada sobre o projeto e sim somente uma proposta preliminar, com a matriz curricular apresentada no Quadro 21.

O curso teria que atender às exigências legais de uma pós-graduação lato-sensu, com o oferecimento de disciplinas obrigatórias como metodologia científica, constando na matriz sugerida: seminário de psicologia do esporte, direitos humanos, ética e sexualidade.

Na proposta do curso de especialização, um cuidado é para que não ocorra novamente um aprofundamento de conhecimentos gerais que possam suprir a

formação inicial realizada na graduação, apesar da maior carga horária ser direcionada aos aspectos específicos do handebol.

Dentre os conhecimentos gerais apresentados observou-se a ausência de conteúdos sobre as habilidades de relacionamento e gestão da intervenção profissional em si e somente o oferecimento de conteúdos referentes ao conhecimento profissional (ICCE e ASOIF, 2012; e NCCP, 2012).

Particularmente sobre os conteúdos específicos da modalidade, observou-se uma repetição dos conteúdos ora trabalhados na ENAT, com a ausência de alinhamento entre os projetos.

Nesse sentido, qual o objetivo de frequentar os dois cursos? Qual a complementação que ocorreu? Embora o D2 tenha sido proposto após a ENAT, acredita-se que seria relevante pensar na complementação e justificativa de existência de tal iniciativa.

6.3. Livro Manual de Handebol- D3

O D3 é uma ampliação em língua portuguesa das obras "Balonmán: manual básico" e "Balonmano". Ambas as obras foram editadas pela Federação Espanhola de Balonmano e no idioma espanhol.

Outra obra de referência é o "Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes", que representa o primeiro módulo da formação de treinadores da escola de treinadores na Alemanha. A presente obra teve o cuidado de reunir profissionais que trabalham com o handebol em diferentes áreas, como professores em nível escolar e universitário, pesquisadores e técnicos.

Acredita-se que tal iniciativa manteve coerente com a proposta da CBHb de integrar suas ações na formação de recursos humanos e, na teoria, buscar integrar as Universidades no ensino e na extensão, bem como a pesquisa aplicada ao desenvolvimento do handebol em nossa realidade.

Os conteúdos abordados englobam as diferentes manifestações sociais do handebol e sua organização está descrita no Quadro 22, a seguir:

Seção	Conteúdos
I - Handebol: sua história e evolução	- A gênese do handebol: primeiras aproximações - memórias do handebol no Brasil: construindo uma história - Identificação, caracterização e classificação do jogo de handebol
II - Perfil motor do atleta de handebol	- Caracterização do perfil físico-motor do atleta de handebol - Preparação física aplicada aos esportes coletivos: exemplo para o handebol - O treinamento da coordenação no handebol
III - Técnica	- Fundamentos técnico-táticos individuais comuns de ataque e defesa - Fundamentos técnico-táticos individuais no ataque - Fundamentos técnico-táticos individuais na defesa - Fundamentos técnico-táticos do goleiro
IV - Tática	- Meios táticos de grupo no ataque - Meios táticos de grupo na defesa
V - Sistemas de jogo no handebol	- Sistemas de jogo no ataque - Sistemas de jogo na defesa - Fases de transição
VI - Sistemas de formação e treinamento esportivo: por uma pedagogia da iniciação ao alto rendimento esportivo	- O sistema de formação e treinamento esportivo no handebol brasileiro - Métodos de ensino no handebol: do incidental ao intencional - O ensino das regras do handebol: da necessidade à compreensão - Proposta de um processo pedagógico de aprendizagem do handebol de areia
VII - Parâmetros de análise de rendimento	- A detecção do talento esportivo no handebol - Análise e observação de jogos no handebol: dos números aos treinamentos
VIII - As diferentes formas de manifestação do handebol	- Valores, valoração e educação: uma necessidade na prática do handebol - Handebol master para ex-atletas: uma proposta de inclusão - Handebol em cadeira de rodas - Projeto mini-handebol e caça talentos no Brasil - Handebol na terceira idade - O Handebol de areia

Quadro 22: Organização geral do livro Manual de Handebol.

O livro analisado seguiu uma lógica que apresentou uma contextualização do handebol no cenário nacional com as seções I e VII, sendo que foram apresentadas as manifestações sociais do esporte e alguns projetos desenvolvidos e/ou apoiados pela CBHb.

As seções II, III, IV, V e VII apresentaram uma padronização de termos que poderia ser adotada como referência para os técnicos de handebol no cenário nacional. Os conteúdos mostraram-se descritivos e tem sua aplicação restrita, pois somente classificam e descrevem as ações individuais e coletivas sob a ótica técnica, tática e estratégica do handebol.

Acredita-se que as informações contidas nas seções citadas tenham grande relevância para o handebol no Brasil, pois padroniza a terminologia utilizada, porém tais informações são utilizadas somente em nível inicial e teórico.

Nesse sentido, existe a necessidade de complementação dos conteúdos com informações e exemplos referentes a meios e métodos sugeridos para a iniciação e desenvolvimento de ações individuais e coletivas da modalidade, bem como de realizar uma interface entre os conhecimentos básicos e sua aplicação tendo como referência o processo de ensino, aprendizagem e treinamento do handebol.

Para exemplificar, as informações poderiam explicar conceitos de aprendizagem motora a partir de situações específicas de ensino que ocorrem nas aulas de handebol.

Acredita-se que os conteúdos básicos explicados a partir de exemplos direcionados a prática profissional poderiam contribuir significativamente para a compreensão e sua aplicação no ensino do handebol.

A possibilidade de aplicação dos conhecimentos ficou restrita a seção VI, onde foram apresentados conhecimentos sobre a iniciação e a formação de atletas de handebol, com conteúdos sobre um modelo de formação esportivo e aspectos pedagógicos específicos da modalidade.

Acredita-se que a obra tenha grande valor para o desenvolvimento do handebol em nível nacional, pois propõe uma padronização de termos e conceitos que poderiam ser adotados em todos os níveis de desempenho, da iniciação ao alto rendimento, bem como poderia ser adotada como bibliografia básica para os cursos de formação inicial em Educação Física e Esporte.

6.4. Encontros Nacionais de Professores de Handebol - ENPH

Os documentos provenientes dos ENPH que ocorreram nos últimos 10 anos foram analisados e serão apresentados, segundo a ordem cronológica, de forma a refletir a evolução histórica ocorrida no referido evento.

O ENPH foi idealizado pela CBHb a partir de uma análise que identificou falhas na execução de aspectos básicos da modalidade, como seus fundamentos técnico-táticos. O fato deflagrou a deficiência de recursos humanos para atuar no mercado de trabalho no handebol.

Nesse sentido, A CBHb iniciou a organização desses eventos com o intuito de realizar uma interface entre as Universidades, especificamente, na disciplina handebol. Ainda, a entidade poderia auxiliar na criação de um modelo para atender às necessidades identificadas, bem como padronizar o ensino da modalidade no Brasil, conforme previsto em seu estatuto.

Para a presente investigação, foram analisados os documentos produzidos nos últimos 10 anos, devido à disponibilidade do material por parte da CBHb. Cabe ressaltar que os relatórios não apresentam uma padronização em seu formato, com algumas edições sendo bem sucintas e outras com um maior nível de detalhamento.

O III ENPH fez referência aos dois primeiros eventos, ao comentar que o I ENPH foi realizado em 2002 e teve com tema central o currículo das escolas de Educação Física e o II ENPH abordou os sistemas técnicos e táticos do handebol, em paralelo ao Campeonato Mundial categoria Júnior Masculino no ano de 2003.

6.4.1. III ENPH - D4

O III ENPH, identificado como D4, foi realizado em Belo Horizonte em 2004 e contou com a presença de 64 participantes, provenientes de 14 estados e teve como foco o Handebol adaptado, handebol para portadores de necessidades especiais e a criação da ENAT - Escola Nacional de Árbitros e Técnicos.

sendo que suas ações tiveram três grandes blocos de discussão:

- Métodos e procedimentos de ensino aplicados nas escolas, bem como a criação de uma escola nacional de treinadores. As ações ocorreram na teoria com o complemento de aulas práticas com os próprios participantes do evento.

- Handebol adaptado para a terceira idade, a partir da exposição de um relato de experiência desenvolvido em uma cidade no interior do estado de São Paulo.

- Atividades para portadores de necessidades especiais, por meio de uma palestra.

A avaliação do evento, por parte da CBHb, atendeu à expectativa desde a criação do evento como a de grupos de trabalho e a apresentação de resultados de intervenções com integrantes de diferentes regiões do país. Para finalizar, foi destacada a importância da continuidade e a solidificação do evento.

As ações realizadas pelo D4 se concentraram em três grandes temas: aspectos pedagógicos, manifestações sociais do handebol e a necessidade da criação de uma escola nacional de técnicos.

Ao analisar o relatório do evento, não foi possível inferir sobre os conteúdos referentes a aspectos pedagógicos do handebol, mas o foco das discussões foi relacionado à iniciação ao handebol, com a apresentação de estratégias de trabalho que poderiam ser adotadas nos diferentes contextos encontrados pelos participantes.

As discussões apresentaram dois relatos de experiência, relacionados ao handebol para a terceira idade e o handebol para portadores de necessidades especiais, que segundo o D4 despertou grande interesse por parte dos participantes, inclusive com relatos de professores que assumiram o compromisso de levar a proposta para sua realidade de trabalho.

O relatório destaca ainda a formação de grupos de trabalhos e interações sociais entre os participantes do evento, com a possibilidade de ações em diferentes Estados e contextos. Os participantes organizaram em momentos entre os ENPH, pois foram relatados, inclusive, trabalhos desenvolvidos por meio de parcerias entre instituições de Estados diferentes.

Assim, embora a CBHb tenha como objetivo esse tipo de intercâmbio, acredita-se na necessidade de sistematizar e organizar tais ações e não deixar somente para o período do evento em si. Uma possibilidade poderia ser a criação de uma área no site para centralizar as ações e direcionamentos provenientes dos ENPH, com a nomeação de responsáveis e indicadores para o planejamento, implantação e controle das ações provenientes dos ENPH.

Nesse sentido, o referido evento além de apresentar conteúdos técnicos direcionados à formação esportiva por meio de situações mediadas, também

possibilitou e estimulou a aprendizagem por meio prática interna e situações não-mediadas conforme sugerido por Moon (2004) e Werhtener e Trudel (2006).

Os benefícios de contemplar tais situações mais informais de aprendizagem parecem contribuir significativamente para o desenvolvimento dos profissionais, à medida que participam ativamente das discussões e assim os direcionamentos podem ser construídos de formas mais colaborativa e interativa.

6.4.2. IV ENPH - D5

No ano de 2005 ocorreu o IV ENPH, identificado como D5, e iniciou-se uma discussão sobre a nova realidade nos cursos de formação inicial a partir da aprovação das diretrizes curriculares dos cursos de licenciatura e bacharelado em Educação Física.

Os conteúdos desenvolvidos abordaram o handebol em suas dimensões sociais (areia, terceira idade e portadores de necessidades especiais), política e gestão da CBHb (perspectivas de difusão da modalidade, projeções da CBHb) formação técnico-tática de equipes (preparação física em diferentes níveis competitivos e categorias etárias, treinamento de força e resistência, aspectos multidimensionais de atletas de handebol, bem como sua percepção visual em jovens atletas).

Apesar da necessidade de diferenciação entre os cursos de licenciatura e de bacharelado, conforme aprovado nas diretrizes curriculares, não foi descrito um posicionamento oficial da CBHb diante de tal mudança nos currículos dos cursos de formação inicial em Educação Física e Esporte.

Os participantes foram divididos em grupos e orientados a abordar os seguintes temas:

- Adaptação da carga horária da disciplina frente à separação entre licenciatura e bacharelado;
- Conteúdo programático;
- Relatos de experiências das instituições na comunidade;
- Bibliografia básica.

A divisão dos participantes ocorreu em função do número de pessoas e por região, sendo que foram formados 3 grupos de trabalho: Grupo Nordeste, Sudeste/Centro Oeste e Sul/Norte.

A organização do evento elaborou um roteiro para a discussão em grupos, com relação à disciplina de handebol:

- Carga horária frente à separação entre a licenciatura e o bacharelado;
- Conteúdo programático;
- Relatos de experiência nas aulas;
- Bibliografia utilizada;
- Apresentação de propostas.

Ao analisar os grupos Sudeste/Centro Oeste e Sul/Norte, observou-se que a carga horária ficou em 60 horas, em média, e suas discussões ficaram restritas ao conteúdo programático, com aspectos históricos, noções de regras, inclusão do lúdico nas aulas e adaptações do handebol nas escolas.

Especificamente sobre as referências bibliográficas, o grupo Sul/Norte comentou sobre a falta de artigos e pesquisas sobre o handebol.

O grupo Nordeste, que também apresentou carga horária similar, além de citar os conteúdos, que considerou a utilização do lúdico no ensino de aspectos básicos ofensivos e defensivos da modalidade

O grupo apresentou as dificuldades encontradas em sua rotina de trabalho como de organização das aulas práticas com um número grande de alunos por turma, a falta de alternativas pedagógicas e a falta de clareza sobre a relação da aprendizagem lúdica com o esporte.

Sobre os processos de avaliação utilizados no ambiente acadêmico, foi citado que não existe mais a avaliação da execução padrões técnicos do handebol, que foi substituída por situações em que os alunos exerciam a função de professor, de forma a valorizar mais o processo de ensino, aprendizagem e treinamento da modalidade.

Nesse sentido, os professores do grupo nordeste levantaram um questionamento sobre o perfil profissional dos futuros profissionais que estavam sendo formados, especialmente a partir da divisão entre o bacharelado e a licenciatura. Entretanto, não foram encontradas maiores informações referentes a tal discussão, apesar da relevância atribuída a ela.

O Quadro 23, a seguir, apresenta uma síntese dos aspectos abordados pelos grupos de trabalho.

Conteúdos:	Aspectos Pedagógicos	Avaliação
- História e evolução da modalidade - Fundamentos de ataque e defesa - Dimensões sociais do handebol - Especialização nos postos específicos - Handebol na escola - Mini Handebol - Relações do handebol com os PCNs - Observação e análise de jogo - Noções de regras e arbitragem - Treinamento esportivo	- Valorização de jogos e brincadeiras - Abordagem desenvolvimentista - Escola da Bola - Iniciação esportiva universal	- Substituição do saber fazer - Valorização do saber ensinar.

Quadro 23: Síntese dos conteúdos abordados por grupos de trabalho - IV ENPH.

Ao analisar o Quadro 23, observou-se que as discussões do IV ENPH foram sobre a iniciação e a formação esportiva, desde a padronização e a elaboração de conceitos básicos, os aspectos pedagógicos com modelos de estratégias de ensino e aprendizagem aos aspectos procedimentais de avaliação dos alunos nas IES.

Destacam-se os conteúdos relativos às estratégias de ensino e aprendizagem que seguiram propostas elaboradas por Tani et al. (1988) Greco e Benda (1998), Greco (1998) e Kroger e Roth (1999).

Acredita-se na relevância da determinação de um referencial teórico a ser adotado nas disciplinas de handebol, sendo que tais conteúdos se referem às licenças nível I nos modelos adotados na Alemanha e Espanha, onde a prioridade em ambos os casos seria a iniciação ao handebol.

A intenção da CBHb com os ENPH é aproximar-se às Universidades e tentar oferecer subsídios para os professores dos cursos das IES brasileiras e, assim, auxiliar na formação dos futuros profissionais para trabalhar com o handebol.

O modelo do ENPH poderia ser aperfeiçoado e seguir o padrão adotado pelo NCCP e Federações Alemã e Espanhola de handebol, que celebraram convênios e parcerias com as Universidades para reconhecer ações acadêmicas como parte de sua formação específica. Embora no contexto internacional a formação acadêmica não seja obrigatória, diferente do cenário nacional, as parcerias poderiam complementar a parte específica das ações acadêmicas, cujo objetivo uma formação generalista.

Assim, as Universidades poderiam oferecer cursos de extensão específicos e especialização, com a chancela da CBHb e realizar equivalências para a aquisição de licenças de treinadores, conforme o modelo estabelecido anteriormente.

No referido evento, não foram encontradas evidências sobre a evolução do projeto da ENAT, bem como perspectivas para sua implantação. Para finalizar, não houve considerações sobre possíveis desdobramentos das parcerias formadas no evento anterior, bem como sobre a continuidade dos trabalhos entre um evento e outro.

O D5 relatou também um segundo momento de discussão temática em grupos de trabalho, com foco nos relatos de experiências em extensão universitária oferecida pelas instituições.

Não foi citada a forma de divisão dos participantes, apenas a organização em dois grupos. Nas conclusões apresentadas pelos grupos observou-se que o escopo da discussão foi diferenciado, sendo que o primeiro grupo se concentrou no mini-handebol e na elaboração de propostas, enquanto o segundo grupo fez um mapeamento da extensão universitária do handebol nas diversas manifestações sociais.

Dentre as propostas sugeridas pelos professores destacou-se a necessidade de maior engajamento e relacionamento das federações estaduais com as IES; a criação de materiais específicos de handebol de areia e para idosos; a criação e a formatação de uma “Semana Nacional do Mini Handebol”, que seria uma ação promovida pelas IES nas escolas públicas e particulares em parceria com CBHb para a realização de festivais, reuniões e palestras de professores com abrangência nacional.

A referida ação parece ser muito promissora, pois seria uma possibilidade de integrar projetos de extensão universitária com a aplicação prática de conteúdos referentes à iniciação ao handebol por parte dos alunos de graduação. Quanto à formação e ao aprimoramento de professores, acredita-se que poderia ser também um espaço para a realização de ações de formação continuada e, principalmente, de trocas de experiências e interação social.

Entretanto, embora seja uma proposta muito interessante para a divulgação, a massificação e a promoção de interações sociais entre os treinadores da modalidade no país, não foram encontrados relatos posteriores sobre uma possível implantação dessa ação na prática.

Em relação à avaliação dos participantes do evento, o D5 citou uma aprovação de 92,7% dos participantes, sendo que o Quadro 24, a seguir, destaca os principais pontos positivos e negativos que têm relação com a formação profissional.

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos	Sugestões
- Possibilidade de intercâmbio entre os professores - Apresentação de novos temas - Capacitação dos professores universitários - Apresentação e a qualidade dos trabalhos científicos apresentados - Discussão sobre os aspectos pedagógicos da modalidade - Esforço da CBHb na organização do evento e a presença efetiva do presidente - Preocupação em melhorar o evento	- Excesso de informações em pouco tempo - Priorização de assuntos mais relevantes - Desorganização da comissão científica - Necessidade de maior rigor em relação aos trabalhos científicos - Postura inadequada de alguns professores - Programação direcionada ao alto nível e não para a licenciatura - Ausência de conteúdos para ser desenvolvido nas IES - Falta de um tema norteador do evento	- Manifestações sociais do handebol - Organização de mesas redondas temáticas - Abordagem de conteúdos técnicos de ataque e defesa de forma teórica e prática - Formação de grupos de pesquisa e trocas de experiências - Abordagem de temas referentes à iniciação ao handebol e conteúdos mais pedagógicos direcionados a licenciatura - Realização do evento paralelamente a uma competição ou treinamento de equipes - Criação de uma revista científica - Apresentação e venda de materiais didáticos e pedagógicos. - Inclusão de relatos de experiências práticos

Quadro 24: Avaliação dos participantes do V ENPH.

A avaliação dos participantes destacou a relevância de discutir aspectos pedagógicos, a valorização da pesquisa relacionada ao handebol, bem como as interações sociais que ocorrem durante sua realização.

Os participantes solicitam também maior rigor acadêmico na seleção e na distribuição dos conteúdos das apresentações de temas livres, bem como maior direcionamento aos aspectos pedagógicos e formação esportiva.

Nesse sentido, observou-se que os participantes sinalizaram a necessidade de melhor posicionamento da CBHb quanto aos conteúdos a serem desenvolvidos em programas de iniciação ao handebol, pois/visto que nos dois eventos anteriores foram discutidos conteúdos sobre essa temática.

Ao comparar com os modelos sugeridos pelo ICCE e NCCP sobre a formação geral de técnicos, observou-se que o D6 ainda se concentrou em conhecimentos específicos da modalidade, com a ausência de conteúdos sobre a intervenção profissional, como as competências profissionais necessárias conforme sugestões do ICCE e ASOIF (2012).

Na avaliação dos participantes observou-se, também, a necessidade de investimentos nos recursos de apoio à docência como materiais didáticos multimídia, assim como na investigação acadêmica, com a sugestão da criação de um periódico específico da modalidade. Tais sugestões estão em concordância com o ICCE e NCCP que criaram e implantaram comissões de pesquisa para oferecer suporte acadêmico a intervenção profissional dos técnicos. (ICCE, 2012; CAC, 2012)

A coordenação pedagógica do V ENPH concluiu que os próximos eventos deveriam seguir o modelo atual com os seguintes direcionamentos:

- Realização do evento paralelamente às competições nacionais e/ou internacionais de handebol;
- Organização das atividades em função de um tema norteador;
- Organização do evento em atividades que contemplem temas livres, sessões de pôsteres, relatos de experiências e mesas temáticas;
- Ampliação da comissão científica, bem como a padronização de critérios com maior rigor acadêmico na aprovação dos trabalhos.

O V ENPH também não relatou a continuidade das ações referentes à organização e implantação da ENAT, bem como de desdobramentos e impactos das ações e recomendações de eventos anteriores, não sendo possível verificar possíveis impactos e mudanças oriundas da realização do evento.

6.4.3. V ENPH - D6

No ano de 2006 ocorreu o VI ENPH, identificado como D6, com sede em Aracaju. O tema norteador do evento foi “O ensino e a prática de handebol na escola: da aprendizagem ao alto rendimento” cujo objetivo foi a atualização e a padronização de procedimentos didáticos, pedagógicos e científicos da disciplina handebol nas IES.

Os conteúdos abordados no D6 em forma de conferências, apresentações de temas livres, relatos de experiência e trabalhos em grupos temáticos estão expostos no Quadro 25, a seguir.

Conteúdos
- Bases teóricas e fisiológicas do processo de treinamento de handebol: A importância da coordenação motora e propriocepção de jogadores de handebol   - Aprendizagem de gestos básicos   - Desenvolvimento da percepção visual na formação de jogadores   - A importância do treinamento da coordenação em equipes competitivas   - A importância da comissão técnica multidisciplinar na melhoria do índice técnico das atletas da seleção brasileira feminina   - Sistema de marcação 3:3, defesa individual e defesas ativas   - Fundamentos teóricos e modelo prático de treinamento   - Fatores que incidem no rendimento de equipes de handebol   - Handebol de areia   - A importância do marketing no handebol   - Fases e etapas na formação de um jogador de handebol

Quadro 25: Conteúdos apresentados no V ENPH.

Ao analisar os objetivos do evento e os conteúdos abordados observou-se a predominância de assuntos referentes ao treinamento e à formação de atletas de handebol em nível competitivo, com pouca ênfase nas fases iniciais de aprendizagem da modalidade, além da ausência de discussões didáticas e pedagógicas sobre o ensino do handebol aplicado a formação inicial em Educação Física.

Os conteúdos abordados não contemplaram aspectos sobre a iniciação ao handebol e sim os aspectos competitivos nas categorias de base. Nesse sentido, observou-se que parece ter ocorrido complementação dos conteúdos apresentados nos eventos anteriores, a partir da inclusão de conteúdos relativos ao treinamento e à formação de atletas. Apesar dessa mudança nos conteúdos abordados, a comparação com os modelos desenvolvidos na Espanha e Alemanha revela similaridade com as licenças iniciais, sem avanço expressivo nas discussões.

Porém, cabe destacar que esses conteúdos não são abordados, necessariamente, nas disciplinas de handebol nas IES, que ficaria responsável pela introdução à modalidade, sem apresentar conteúdos sobre o treinamento.

Os participantes foram divididos em grupos de trabalho temáticos que abordaram o histórico do handebol no Brasil, a organização de um acervo multimídia ou biblioteca virtual da CBHb, a produção de material impresso e a Escola nacional

de treinadores, que novamente foi citada, porém sem indicações de qualquer ação para sua implantação de fato.

O Quadro 26, a seguir, apresenta uma síntese das ações desenvolvidas em cada comissão de trabalho.

Biblioteca virtual	Publicações	Histórico do handebol
- Catalogação e classificação dos materiais disponíveis e envio da classificação para a inclusão no site da CBHb - Elaboração de roteiro para a produção de vídeos educativos com a chancela da CBHb - Produção de um vídeo com as fases de aprendizagem do handebol - Verificação da viabilidade de montar, em caráter de urgência, o início da produção dos vídeos	- Organização em dois tipos de materiais: um acadêmico e outro em forma de boletim técnico, com meta de apresentação para o próximo ano - Confecção de livros temáticos - Formação de uma comissão de publicações	- Mapear e reunir o material existente e iniciar um núcleo de história do handebol no Brasil

Quadro 26: Síntese dos resultados de grupos de trabalho do VI ENPH.

Os resultados indicaram uma série de ações para sistematizar e organizar um conteúdo técnico específico do handebol, porém, não foram encontrados indícios da implantação de tais iniciativas.

Especificamente sobre a criação da Escola Nacional de Treinadores, foi definido que a CBHb necessitaria retomar os trabalhos iniciados em 2004 no III ENPH e relatado no D3, bem como realizar uma ação dividida em duas etapas.

Na primeira fase ocorreria um incentivo da entidade no credenciamento de IES para o oferecimento de ações como cursos de especialização e credenciamento pela CBHb e a ENAT. Na segunda etapa seria papel da CBHb viabilizar a implantação das ações específicas da ENAT nas federações locais e ligas independentes de promoção da modalidade.

Ao analisar especificamente a criação de uma ENAT, fato que já vinha sendo discutida desde 2004, parece não ter saído do papel por motivos desconhecidos e sem referência nos documentos analisados. Embora seja citada a importância e a

necessidade de tal ação, não foi observada nenhuma evolução na criação da referida proposta entre o III e o VI ENPH.

Em relação à avaliação dos participantes do VI ENPH o D6 citou uma aprovação de 94,7% de aprovação no evento. O Quadro 27, a seguir, ilustra uma síntese dos pontos positivos, negativos e sugestões aos próximos eventos.

Pontos positivos	Pontos negativos	Sugestões
- Qualidade das palestras - Comunicação eficiente - Crescimento nacional da modalidade - Padronização de linguagem em nível nacional - Organização geral do evento - Intercâmbios entre as IES	- Ausência da publicação dos anais do evento - Poucas intervenções de cunho prático - Repetição de palestrantes - Ausência de foco no tema norteador do evento - Poucos temas sobre a iniciação ao handebol - Dissociação entre e teoria e prática - Priorização de conteúdos direcionados ao alto rendimento	- Inclusão de atividades práticas - Jogo de integração entre os participantes - Filmagem e distribuição do material aos participantes - Propostas de trabalho direcionado a pessoas com deficiência - Intercâmbio mais concreto entre os participantes

Quadro 27: Avaliação dos participantes do VI ENPH.

A avaliação dos participantes sobre o evento destacou a qualidade das palestras e a organização do evento. E, outro ponto que sempre recebe destaque é a possibilidade de intercâmbios entre os docentes das Universidades, apesar de constar nas sugestões que deveria ser mais concreto. Assim, parece que os participantes destacam a possibilidade e não a realização das interações sociais em si, pois ao analisar os relatórios anteriores não foram encontrados relatos de trabalhos provenientes de tais interações.

Nesse sentido, o ENPH parece contemplar também ações de prática interna (MOON, 2004), mesmo que de maneira rudimentar, conforme avaliações dos participantes expostas no Quadro 27.

A inclusão de temas relacionados às pessoas com deficiência, conforme sugestão dos participantes, parece estar em concordância com a formação de treinadores na Espanha, que apresenta tais conteúdos conforme seu bloco complementar de formação. Cabe ressaltar que a formação inicial em Educação Física e Esporte já contempla conteúdos específicos sobre essa temática de forma geral e introdutória e a solicitação dos participantes do ENPH justifica-se pela

proposta de Handebol em Cadeira de Rodas, conforme sugestão de Calegari e Gorla (2010).

Especificamente sobre os aspectos negativos do evento destacam-se a falta de discussões sobre a iniciação ao handebol, a periodização de conteúdos referentes ao alto rendimento e, a ausência e necessidade de articulação entre as atividades teóricas e práticas.

Assim, sua preocupação em articular aspectos teóricos e práticos justifica-se pela obrigatoriedade em sua prática profissional e parece legítimo solicitar que tais discussões ocorram nas edições do ENPH, devido ao seu formato e objetivos específicos.

6.4.4. VI ENPH - D7

O tema norteador do VII ENPH, identificado como D7, realizado em 2007, foi “As competências do profissional de Educação Física frente ao handebol: do Lúdico, escolar e alto rendimento” e tratou dos conteúdos apresentados no Quadro 28, a seguir.

Conteúdos
- A importância da relação entre CBHb e os professores das instituições de ensino para o desenvolvimento do handebol brasileiro.   - Participação do PAN 2007 e perspectivas para o futuro (seleção feminina)   - Handebol e a mídia.   - Mini Handebol   - Handebol no PAN 2007 - Visão do Comitê Olímpico Brasileiro   - Participação da seleção masculina no PAN 2007 e perspectivas para o futuro   - O trabalho a médio e longo prazo nas categorias de base do handebol   - Aspectos pedagógicos do handebol: Do lúdico, escolar ao alto rendimento   - A coordenação motora e sua importância na prática do handebol como conteúdo na Educação Física Escolar   - Handebol no PAN 2007- possibilidades de crescimento na visão do marketing   - Iniciação e preparação física - fundamentos e processo de ensino aprendizagem do handebol de areia

Quadro 28: Conteúdos do VI ENPH.

O relatório somente cita tais conteúdos e dessa forma não possibilita maiores inferências sobre ele. Não foram relatadas questões sobre a avaliação do evento. E, nas sugestões para os próximos eventos, foram citadas a revisão e a padronização da nomenclatura do handebol, uma abordagem relativa à separação entre os cursos de licenciatura e bacharelado, além de mais temas relacionados ao desenvolvimento e coordenação motora.

Embora o tema norteador do evento tenha apresentado as competências do profissional de Educação Física para intervir no handebol, ficou a expectativa de discussões acerca das dimensões que as competências apresentam e não foram verificadas ações com esse objetivo.

Os conteúdos ficaram restritos aos conhecimentos específicos do handebol, e não foram relatadas ações sobre as habilidades intra e interpessoais conforme sugestões de discussões acerca de competências profissionais. (ICCE e ASOIF, 2012)

Os conteúdos no relatório D7 não apresentaram as avaliações com críticas e sugestões dos participantes do evento. As apresentações ficaram divididas em discussões sobre a iniciação esportiva e a formação de atletas, bem como o alto rendimento que ficou em torno do torneio Pan Americano realizado no mesmo ano.

6.4.5. VII ENPH - D8

Com o tema norteador “Olimpíada - Brasil no contexto internacional”, foi realizado o VII ENPH (D8) no ano de 2008 que teve como objetivos:

- Atualização e padronização de procedimentos pedagógico-didáticos e científicos da disciplina handebol nas IES Brasileiras;
- Promoção e atualização na utilização de estratégias de ensino, aprendizagem e treinamento aplicadas ao handebol;
- Formação de recursos humanos para atuação nos diversos níveis de expressão da modalidade.
- Aprimoramento do conhecimento referente aos elementos que constituem os parâmetros de rendimento das capacidades técnicas, táticas, físicas, biotipológicas, sociais e psicológicas do handebol.

Os conteúdos discutidos estão apresentados e buscaram relacionar a prática do handebol com os conteúdos descritos no Quadro 29, a seguir.

Conteúdos
- Atividade física e qualidade de vida   - Marketing e gestão   - Metodologia do treinamento   - Treinamento técnico-tático   - Treinamento psicológico   - Treinamento físico   - Educação física escolar   - Mini Handebol   - Terceira Idade   - Observação e Análise de jogo   - Portadores de necessidades especiais   - Handebol de areia   - Arbitragem e regras   - Aspectos históricos

Quadro 29: Conteúdos do VII ENPH.

Embora o evento seja direcionado aos professores universitários, não foi observado um alinhamento entre os objetivos do evento e seus conteúdos propostos, assim como em eventos anteriores, especialmente no VI ENPH. Os conteúdos sugeridos parecem ser bem genéricos e com ampla aplicação mais relacionada à formação e ao alto rendimento esportivo, com maiores possibilidades de atuação por parte de técnicos esportivos.

O D8 citou que a partir de uma análise estatística realizada nos Jogos Olímpicos de 2008 foram oferecidos indicadores e desafios que deveriam ser tratados pelos professores das IES para a melhoria do rendimento dos jovens brasileiros em sua formação esportiva.

Acredita-se que as informações citadas anteriormente possuem maior relevância para os técnicos esportivos que já atuam na formação e no alto rendimento esportivo.

Paralelamente aos conteúdos desenvolvidos, o evento contemplou a área de pesquisas a partir da apresentação de trabalhos dentro das áreas temáticas citadas nos conteúdos abordados. Os temas livres trataram dos seguintes itens:

- Importância da preparação física;
- Coordenação motora como base para os fundamentos;
- Importância do trabalho multidisciplinar na formação de equipes;
- Análises técnicas das seleções brasileiras na Olimpíada de 2008;
- Aspectos de gestão: mídia, marketing e planejamento estratégico.

Em relação à avaliação dos participantes do evento o Quadro 30, a seguir, ilustra os aspectos positivos, negativos e as sugestões para os próximos eventos.

Pontos positivos	Pontos negativos	Sugestões
- Distribuição equilibrada dos conteúdos entre iniciação, rendimento e abordagens pedagógicas na escola; - Aumento na quantidade de temas livres - Palestrantes qualificados - Práticas direcionadas à correção das estratégias de ensino das IES - Interações sociais entre os participantes - Palestra sobre a escola de treinadores - Aproximação da CBHb com as Universidades - Palestra sobre handebol em cadeira de rodas - Clima e ambiente do evento	- Carência de abordagens direcionadas às escolas e IES - Qualidade dos trabalhos científicos - Ausência de discussões sobre os currículos e conteúdos desenvolvidos nas IES - Falta de clareza sobre a prioridade do evento: formação ou alto rendimento - Demora na divulgação dos temas livres selecionados	- Momento de discussão entre os participantes - Implantação da escola de treinadores - Maior rigor acadêmico nos temas livres - Tratar de temas pedagógicos - Inclusão de conteúdos de arbitragem - Abordar o handebol em temas socioculturais e educacionais - Inclusão de mesas redondas sobre o handebol no ensino superior - Ampliar as discussões sobre as estratégias de ensino do handebol nas IES - Apresentação também dos pôsteres - Modificar o formato do evento: um no formato mais acadêmico e outro nos moldes atuais - Estruturar a edição de um livro didático - Organizar a sistematização da formação esportiva no handebol

Quadro 30: Conteúdos do VII ENPH.

A avaliação dos participantes do evento destacou a relevância de equilibrar os conteúdos direcionados à iniciação, à formação e ao alto rendimento esportivo, embora a falta de foco também tenha sido apontada como ponto negativo do mesmo.

Assim como nos demais ENPH, os conteúdos pareceram priorizar a atuação do técnico esportivo. Embora muitos participantes do ENPH sejam professores universitários e técnicos envolvidos com a formação e rendimento esportivo em sua realidade de trabalho, trata-se de um encontro direcionado a professores de handebol das IES, que tem outros objetivos em sua realidade de trabalho.

Ao analisar os aspectos positivos em geral, houve certa repetição de pontos de vista, como as possibilidades de interações sociais, o clima do evento, a interação da CBHb com as Universidades e a inclusão de alguns temas pontuais, como a apresentação de conteúdos referentes ao handebol em cadeira de rodas.

Os aspectos negativos ficaram em torno de dois pontos: a falta de foco nas ações do evento, devido à alternância de conteúdos sobre a iniciação e também ao alto rendimento esportivo, e a falta de critérios na aprovação e na divulgação dos trabalhos científicos selecionados.

Os participantes parecem valorizar aspectos de pesquisa relacionados ao handebol, provavelmente pela natureza de sua atuação profissional na Universidade que solicita atividades que envolvam o tripé ensino, pesquisa e extensão.

A valorização da pesquisa também acompanha as ações do ICCE e NCCP, que criaram comissões específicas para esse fim. (CAC, 2014; ICCE, 2012).

Sobre as recomendações para os próximos eventos, os participantes sugeriram a elaboração de um programa sistematizado para a formação esportiva no handebol, a formatação de um livro de referência e mudança no formato do evento, para diferenciar as ações de pesquisa e contemplar também um conteúdo mais acadêmico.

Dentre as sugestões citadas, um livro foi organizado posteriormente com recomendações para sistematizar um modelo de formação esportiva aplicado ao handebol, conforme apresentado no D3, bem como na proposta de Uezu e Greco (2012) que sugeriu uma sistematização de conteúdos a serem trabalhados em uma perspectiva de longo prazo, com conteúdos específicos para cada etapa do processo de formação esportiva.

Para finalizar o relatório foi citada, novamente, a relevância de implantação da Escola de Treinadores apresentada anteriormente e que também foi aprovada novamente durante o evento. O assunto ENAT parece estar presente desde sua criação no III ENPH, porém, por motivos que não foram relatados, ainda não ocorreu a implantação do projeto em si. Os documentos retomam sua relevância para o desenvolvimento do handebol, porém, até o momento, são discussões teóricas e que acabam ficando somente no plano teórico.

6.4.6. VIII ENPH - D9

No ano de 2009 ocorreu o VIII ENPH em Recife e desta vez o tema norteador foi “Handebol e o novo ciclo olímpico: desenvolvimento sustentado”. Os objetivos do evento, identificado como D9, foram os mesmos citados no D7, assim como os conteúdos desenvolvidos.

Embora o D9 contemple a apresentação de trabalhos científicos, seja em forma de painel ou apresentações orais, não foram relatados os trabalhos que foram desenvolvidos.

A seguir, o Quadro 31 aponta a percepção dos participantes quanto aos aspectos positivos, negativos e as sugestões para os próximos eventos.

Pontos positivos	Pontos negativos	Sugestões
- Interações sociais dos participantes - Implementação da escola de treinadores e da revista científica - Parcerias e convênios entre as entidades - Qualidade dos palestrantes - Aproximação da CBHb com as IES - Distribuição equilibrada dos conteúdos entre a formação e o alto rendimento - Presença do técnico da seleção masculina - Apresentação do projeto de detecção de talentos em nível nacional	- Ausência de propostas de planejamento e conteúdos a serem aplicados nas IES - Ausência do técnico da seleção feminina - Falta de material didático direcionado às IES e escolas - Falta de valorização na apresentação dos pôsteres - Qualidade dos trabalhos científicos - Ausência de discussões temáticas em grupos	- Inclusão de mesas redondas - Inclusão de temas que abordem questões éticas, postura profissional, treinamento e novas tecnologias. - Convidar professores e treinadores estrangeiros - Formatar um critério para avaliar os participantes - Criar estratégias para mensurar o impacto do evento

Quadro 31: Avaliação dos participantes do VIII ENPH.

Ao analisar os pontos positivos do evento, além de destacar a possibilidade de intercâmbios e interações sociais dos participantes, o D9 refere-se especificamente a dois pontos relevantes para o desenvolvimento do handebol nacional: A implementação da ENAT e da revista acadêmica.

O D9 difere dos demais pela montagem de uma comissão científica permanente e que em parceria com a CBHb teria as seguintes funções:

- Implementar uma revista científica, denominada “Revista do Handebol”;
- Criar e gerir um portal de publicações da CBHb;

- Oferecer consultoria para a avaliação de trabalhos científicos
- Criar um conselho editorial para a revista

Especificamente sobre a valorização da pesquisa aplicada à intervenção profissional, a CBHb e os participantes do evento seguem a tendência de implementar tais práticas em suas ações, como o ICCE e, mais recentemente, a CAC.

Acredita-se que tal valorização poderia auxiliar significativamente a intervenção dos profissionais, além de formatar uma parceria concreta entre a CBHb e as Universidades, que até então ficou restrita às discussões acerca da melhoria da disciplina de handebol nos cursos das IES.

Assim como os relatórios anteriores, esse apresenta uma proposta para a implantação da escola de treinadores, que teve novamente sua aprovação no evento e tem sua descrição exata ao modelo apresentado em 2003, no III ENPH.

Embora tal assunto seja amplamente discutido e valorizado, ainda não existem indícios que tal modelo de fato deixou de ser um projeto e começou a ser implementado, bem como da revista acadêmica, que já foi apresentada e aprovada em eventos anteriores e que também não saiu da fase de planejamentos.

Dentre as sugestões dos participantes, cabe destacar a inclusão de conteúdos relacionados a uma intervenção profissional com base em princípios éticos, da utilização de novas tecnologias, como as ferramentas para ensino a distância e as mídias sociais, bem como da criação de indicadores para avaliar tanto os participantes, quanto o impacto do evento, que já se encontra em sua oitava edição.

Ao analisar tais sugestões verificou-se a preocupação com uma formação mais ampla, conforme o modelo de competências que consideram que a intervenção profissional extrapola os conhecimentos específicos da modalidade. Ao comparar com os modelos da NCCP e ICCE para uma formação geral, assim como as escolas de treinadores da Alemanha e Espanha, todas as ações incluem conteúdos para o desenvolvimento de habilidades gerais do processo de intervenção profissional, independente da modalidade esportiva (CAC, 2012; ICCE e ASOIF, 2012).

6.4.7. IX ENPH - D10

O IX ENPH realizado em 2010, identificado como D10, apresentou informações similares aos anteriores quanto aos objetivos, os conteúdos e a possibilidade de apresentação dos trabalhos acadêmicos.

Os conteúdos abordados no D10 em forma de conferências, mesa redonda e relatos de experiência estão dispostos no Quadro 32 a seguir.

Conteúdos
- Relação entre os centros de treinamento e desenvolvimento e a seleção e a promoção de talentos   - Inserção das Universidades no processo Rio 2016   - Novas regras do Handebol mundial   - Papel da Universidade e da ciência no projeto olímpico de handebol   - Modelo francês de preparação física   - Perspectivas do handebol em cadeira de rodas para a inclusão no programa paralímpico   - O handebol como instrumento de desenvolvimento socioeconômico   - Aspectos relacionados à melhoria da qualidade ofensiva dos atletas   - Análise do Campeonato Mundial de 2011 no Brasil e sua importância para o desenvolvimento da modalidade   - A relevância da preparação física no rendimento esportivo do handebol   - Comissão de implantação da revista do handebol   - Apresentação prática do handebol master   - Necessidade de modernização do site   - Implantação da escola de treinadores   - Possibilidade de realização de análises técnicas e táticas durante o campeonato mundial no Brasil para discussões no meio acadêmico   - Perspectivas para a organização do X ENPH

Quadro 32: Conteúdos apresentados no IX ENPH

A partir das discussões sobre a relevância dos centros de treinamento regionalizados, os representantes de 21 instituições demonstraram interesse em organizar e gerenciar tais núcleos. Caberia então a CBHb entrar em contato com as entidades e formatar um modelo com os requisitos necessários e posteriormente iniciar sua implantação efetiva, sob a coordenação do técnico da seleção brasileira masculina.

A implantação de tais centros de treinamento seriam uma tentativa de manter polos de desenvolvimento independentes em várias regiões do país e com a supervisão da CBHb por meio de sua coordenação técnica, sem qualquer auxílio financeiro. Apesar de ser uma ideia promissora, novamente a falta de continuidade das ações, bem como a ausência da implantação das sugestões contribuiu para que essa discussão também não saísse do plano teórico.

Especificamente sobre a comissão científica e a implantação da revista do handebol, a mesma foi composta por 21 participantes, sendo 19 doutores e três em processo de doutoramento, com sua grande maioria envolvida em programas de pós graduação e práticas de pesquisa.

Durante o evento foi realizado também um levantamento sobre a titulação acadêmica dos participantes, com os resultados dispostos no gráfico 1 a seguir:

Gráfico1: Perfil acadêmico dos participantes do IX ENPH.

Ao analisar o perfil dos profissionais envolvidos, observou-se uma titulação acadêmica superior àquela exigida para os próprios cursos de formação inicial em Educação Física, licenciatura ou bacharelado. Tal característica representa um potencial acadêmico muito grande de atuação em parceria com as ações da CBHb, fato que pode ser reforçado pela realização de eventos como os ENPH.

Ao final do evento, a CBHb publicou duas portarias 40/2009 e 41/2009 quando foram nomeados os responsáveis para a comissão de implantação da revista do handebol e a escola nacional de treinadores, respectivamente.

Embora as iniciativas sejam promissoras, não se tem notícias sobre o prosseguimento da criação dos centros de treinamento, da implantação da escola de treinadores e da revista do handebol.

A percepção dos participantes quanto aos aspectos positivos, negativos e as sugestões para os próximos eventos estão apresentados no Quadro 33.

Pontos positivos	Pontos negativos	Sugestões
- Qualidade dos conteúdos e do evento - Interações sociais - Implantação da revista do handebol - Integração da CHBb com as IES - Qualidade dos trabalhos científicos - Distribuição equilibrada dos conteúdos entre a formação e o rendimento esportivo - Relação dos conteúdos com a disciplina handebol nas IES	- Escassez de tempo para as discussões - Ausência de conteúdos aplicados nas disciplinas das IES - Poucos momentos de atividades práticas - Falta de valorização dos temas livres quanto a sua apresentação - Falta de continuidade e execução de aspectos propostos em eventos anteriores - Qualidade dos temas livres aprovados	- Inclusão de discussões sobre a psicologia do esporte, gerenciamento esportivo e o handebol de areia - Convidar estudantes para participar no evento - Incluir mesa redonda para discussões temáticas - Incluir no evento também um congresso científico - Elaborar grupos de discussão online para continuidade das ações - Implantar a escola de treinadores - Formatar critérios para a avaliação dos participantes - Criar métricas para as ações estabelecidas - Convidar mais palestrantes estrangeiros

Quadro 33: Avaliação dos participantes do IX ENPH.

A avaliação dos participantes foi similar à de eventos anteriores, com a valorização de aspectos relacionados às pesquisas e interações sociais entre os participantes, aproximação da CBHb com as Universidades e a qualidade dos conteúdos abordados.

Os aspectos negativos destacaram a falta de continuidade entre os eventos, assim como a inclusão de aspectos sugeridos em eventos anteriores. Assim, parece que os participantes começaram a demonstrar sua insatisfação com a organização do evento, pois alguns temas foram sugeridos e discutidos em ocasiões anteriores, como a implantação da ENAT e a revista científica, além da inclusão de conteúdos que tenham relação direta com o ensino do handebol nas IES e não com o alto rendimento e tendências do handebol em nível internacional, que não possuem, necessariamente, relação com os conteúdos trabalhados nos cursos de graduação e, Educação Física e Esporte.

As sugestões reforçaram a necessidade de ampliar os conteúdos com as sugestões de temas como a psicologia aplicada ao esporte e os processos de gestão esportiva, que vão de encontro às iniciativas de uma formação mais ampla e com relação aos problemas e situações encontradas pelos técnicos em sua intervenção.

Entretanto, conforme relatado nas críticas ao evento, não foram relatadas ações posteriores que consideraram as sugestões dos participantes, assim como já ocorreu em edições anteriores.

6.4.8. X ENPH - D11

No ano de 2012 ocorreu o X ENPH, identificado como D11, que teve como tema norteador “A integração da Confederação Brasileira de Handebol e Universidades parceiras como polos de divulgação e massificação do Handebol na conquista da Medalha Olímpica Rio 2016”.

Os objetivos, justificativas e formato do evento seguiram um mesmo padrão das edições anteriores, com a mesma dinâmica de condução dos trabalhos, que tem seus conteúdos expostos no Quadro 34, a seguir.

Conteúdos
- Importância da integração das Universidades no projeto olímpico   - Treinamento em desportos abertos   - Considerações sobre a Olimpíada de Londres   - Aspectos técnicos e táticos ofensivos no jogo posicional   - Psicologia do esporte   - Retrospectiva do handebol de areia   - Contra ataque   - Projeto acampamento para melhoria técnica e tática para a formação de atletas   - Desenvolvimento do handebol em cadeira de rodas em nível nacional e internacional   - Escola de treinadores e revista do handebol

Quadro 34: Conteúdos apresentados no IX ENPH.

Durante o evento, ocorreu o lançamento oficial do livro Manual do Handebol, também objeto de análise do presente trabalho identificado como D3, que teve a participação efetiva da CBHb na sua elaboração, sendo muito elogiado por ser uma ação que foi concretizada e se tornou realidade.

Assim como em 2010, foi realizado um levantamento da titulação acadêmica dos participantes, cujos resultados estão dispostos no Gráfico 2.

Gráfico2: Perfil acadêmico dos participantes do X ENPH.

E, da mesma forma, observou-se uma titulação acadêmica superior à exigência legal para os cursos de formação inicial em Educação Física e Esporte. A comparação de tal perfil com o ano anterior fica limitada, pois não são necessariamente os mesmos participantes nas edições do evento.

Especificamente sobre os conteúdos das mesas redondas foi citado que o site da CBHb passaria por reformulações e abrigaria também a revista acadêmica intitulada “Revista do Handebol” cuja publicação ainda não se concretizou devido à falta de liberação de recursos por parte da CBHb, que é responsável pela implantação e gestão do referido projeto. Especificamente nesse momento foi esclarecido porque tal iniciativa não saiu do papel, embora já tenha sido apresentada e discutida em ocasiões anteriores.

Foi comentada também a implementação de centros regionais de desenvolvimento do handebol em parcerias com as IES e a CBHb, assim como a implantação da ENAT a partir de um curso de especialização oferecido por IES cadastrados pela CBHb, como uma repetição do que já tinha sido apresentado e aprovado anteriormente.

Para complementar, o presidente da comissão científica sugeriu a ampliação do evento com a criação de um congresso científico específico e aberto a toda a comunidade do handebol, de forma a ampliar a participação em eventos destinados à formação de recursos humanos.

Outro ponto apresentado foi a elaboração de outro livro, agora sobre a metodologia de treinamento do handebol, construído de forma colaborativa e sob a coordenação da comissão científica, para continuar a obra lançada durante o evento.

Um ponto de vista acadêmico relevante foi o anúncio da disponibilidade e do interesse de orientação na pós-graduação, nível mestrado, por parte de um orientador vinculado ao programa da UFRN.

A avaliação dos participantes do evento está apresentada no Quadro 35, a seguir, e contempla seus pontos positivos, negativos e sugestões.

Pontos positivos	Pontos negativos	Sugestões
- Qualidade dos conteúdos e do evento - Interações sociais - Presença de palestrantes internacionais - Abordagem da psicologia e marketing - Qualidade do material	- Escassez de tempo para as discussões - Ausência de conteúdos aplicados nas disciplinas das IES - Poucos momentos de atividades práticas	- Abordar temas mais pedagógicos e direcionados as IES - Formatar critérios para a avaliação dos participantes - Criar métricas para as ações estabelecidas - Convidar mais palestrantes estrangeiros - Criação de uma forma de comunicação mais efetiva após os eventos - Maior rigor da comissão científica na seleção dos trabalhos apresentados - Elaboração de um manual de handebol de areia.

Quadro 35: Avaliação dos participantes do X ENPH.

Para finalizar, o D11 continha a ata de uma reunião extraordinária da programação do evento que contou com a presença do Sr. presidente da CBHb, o coordenador pedagógico do evento, o coordenador da ENAT, os editores da revista científica e outros membros da comissão científica da CBHb. Os encaminhamentos provenientes de tal reunião contemplaram os seguintes itens:

- Inclusão de um Congresso Nacional de Handebol paralelo ao ENPH, que contemplaria a participação de profissionais que atuam fora das IES. As despesas não seriam de responsabilidade da CBHb, como no caso dos ENPH.

- Participação mais ativa da comissão pedagógica e científica na elaboração da programação dos próximos ENPH, além de uma abertura efetiva das seleções nacionais para a realização de pesquisas.

- Solicitação de informações no site da CBHb referentes ao cadastramento e implantação de parcerias para a implantação de centros regionais de treinamento e que os mesmos deveriam ser integrados a ENAT.

- Sugestão de integração do calendário de competições oficiais com os centros de treinamento para a realização de pesquisas.

- A coordenação pedagógica e científica do evento se comprometeu a apresentar um orçamento para a criação da ENAT com ações de EAD.

- Solicitação dos editores da revista científica de uma área no site oficial da CBHb para hospedar seu conteúdo.

Finalmente, o presidente da CBHb comprometeu-se a reunir com sua equipe para verificar a viabilidade da implantação dos encaminhamentos.

Ao analisar a avaliação dos participantes sobre o evento, observou-se praticamente uma repetição de comentários já realizados anteriormente, fato que levantou questionamentos sobre a aplicação da avaliação, pois não foram encontradas mudanças significativas no evento a partir das sugestões.

Entretanto, ao analisar o conteúdo descrito na ata da reunião extraordinária, alguns questionamentos ficaram ainda mais evidentes, pois a própria comissão pedagógica e científica do evento solicitou maior participação, não somente nas ações relacionadas aos próximos ENPH, mas principalmente nos desdobramentos que surgiram como consequência dele.

A realização da reunião descrita no relatório do X ENPH pode indicar falta de autonomia da comissão pedagógica e científica do evento, que se colocou à disposição da CBHb para implantar as ações levantadas durante a realização dos ENPH.

Não foram encontradas evidências concretas de ações realizadas pela CBHb com as Universidades que participaram dos ENPH, conforme objetivo central de aproximação com as instituições responsáveis pela formação inicial de recursos humanos para trabalhar com a modalidade.

A realização do ENPH em si parece proporcionar momentos de interações sociais com grande possibilidade de criar direcionamentos significativos para o crescimento e a evolução da modalidade no Brasil. E, ao analisar os documentos, parece-nos que o grande desafio é implementar as ações sugeridas durante os eventos, bem como encontrar mecanismos de manter tais interações sociais ao longo dos anos e não somente durante seu período de realização uma vez por ano.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do profissional do esporte no Brasil segue um modelo baseado na formação acadêmica, com a graduação em Educação Física e/ou Esporte que prioriza uma formação a partir da construção de conhecimentos gerais.

Embora seja uma formação com uma carga horária grande, quando comparada aos modelos internacionais, ela requer uma complementação na área de atuação escolhida, pois em termos práticos parece não preparar o indivíduo para a atuação profissional no esporte.

O modelo da graduação apresenta ainda, uma falta de padronização em suas ações, uma vez que as instituições de ensino superior podem apresentar objetivos diferentes, como no caso das universidades públicas e privadas.

A formação de tal profissional não prevê a diferenciação das ações em função da área de atuação, seja na formação ou no rendimento esportivo, como ocorre nos modelos internacionais analisados e assim trata o handebol de uma forma bem geral, da iniciação ao alto rendimento.

Assim, cabe ao próprio indivíduo buscar ações para seu aperfeiçoamento profissional, a partir de cursos, workshops e estudos independentes, já que oficialmente a CBHb, assim como as federações estaduais, não oferecem uma complementação oficial.

A CBHb realizou uma aproximação com as IES Brasileiras a partir do ENPH que, em 10 edições reuniu professores universitários para oferecer suporte à disciplina de handebol nos cursos de graduação em Educação Física e/ou Esportes.

O ENPH possibilitou uma grande interação social entre professores de handebol de todo o país, com intercâmbios de informações e experiências oriundas de diversas realidades de trabalho, bem como entre os professores veteranos e a nova geração.

Embora o ENPH não tenha registrado mecanismos de avaliação de impacto de sua participação, acredita-se que os participantes tenham sido beneficiados por sua participação, já que ocorreram situações de aprendizagem que contemplaram a construção de conhecimentos por meio de vias mediadas, não mediadas e também de prática interna, conforme a percepção dos participantes no evento.

Entretanto, ao analisar seus relatórios, observou-se uma falta de foco em suas ações, com discussões bem genéricas sobre a iniciação e o treinamento do handebol, com conteúdos que muitas vezes extrapolam a realidade e os objetivos a serem contemplados na disciplina de handebol nas IES.

Embora o evento tenha apresentado regularidade em sua realização, não foram encontrados indícios de continuidade das ações desenvolvidas entre suas edições, já que ao analisar os conteúdos desenvolvidos e a avaliação dos participantes verificou-se que muitos temas foram repetidos e descontextualizados.

Dentre as ações que surgiram do ENPH, destaca-se a publicação do livro “Manual de Handebol”, que pode e deveria ser adotado como bibliografia básica, já que padroniza a terminologia específica da modalidade, apresenta uma organização de seus conteúdos técnicos e táticos individuais e coletivos, e apresenta uma perspectiva de trabalho no contexto da iniciação esportiva.

Nesse sentido, faz-se necessário uma continuidade com a publicação de livros complementares, para contemplar também os profissionais que atuam na formação e no rendimento esportivo.

Entretanto, infelizmente muitas ações concebidas no ENPH não foram implantadas ainda na prática, como a ENAT, o curso de especialização e a Revista do Handebol que, embora sejam ações reconhecidas e valorizadas ainda não se concretizaram.

Acredita-se que a CBHb poderia se aproximar ainda mais das IES para elaborar uma série de materiais que poderiam incluir:

- Publicações em formato de posicionamentos oficiais da entidade;
- Coleção de livros técnicos e didáticos, como o “Manual do Handebol”;
- DVDs e outros tipos de material multimídia;
- Organização de um repositório digital com materiais do handebol;
- Formatação de uma plataforma de ensino a distância acoplado ao site, como por exemplo o MOODLE.

Especificamente sobre os posicionamentos oficiais, além da padronização da terminologia e da progressão técnica do processo de formação esportiva poderiam ser elaborados documentos específicos sobre um código de ética específico, a formatação de um modelo de treinamento em longo prazo (como o LTAD) e a padronização dos indicadores de desempenho, entre outros.

Ao sistematizar e padronizar o trabalho por meio de documentos de referência, poderia auxiliar na manutenção de uma filosofia de trabalho unificada, com métricas e indicadores em todo o território nacional, para tentar garantir a continuidade do trabalho em caso de mudanças tanto de profissionais, quanto de clubes ou associações esportivas.

O modelo do ENPH poderia ser ampliado e possuir dois focos: ações relacionadas à pesquisa, elaboração dos pareceres técnicos e manuais citados anteriormente, bem como um evento direcionado a interações sociais e apresentação dos materiais produzidos e/ou selecionados como referência. A diferença é que no segundo momento a participação poderia ser aberta a todos os interessados como os técnicos, professores universitários, estudantes, entre outros.

Especificamente sobre a ENAT, o projeto apresentado se mostrou muito promissor, com sua organização contemplando conhecimentos gerais e específicos do handebol. Entretanto, a comissão organizadora poderia simplificar seu modelo em três níveis: "C" para a iniciação ao handebol, categorias mirim e infantil; "B" para as categorias cadete e juvenil; e "A" para o júnior e adulto. A gestão de todo o projeto caberia à CBHb, tendo as federações estaduais como parceiras na disseminação do projeto em suas respectivas jurisdições.

Nesse sentido, o desenvolvimento profissional poderia complementar a formação inicial em Educação Física e Esporte, com conteúdos específicos e direcionados a iniciação e ao alto rendimento, de acordo com o tipo de licença requerida.

Acredita-se que os conhecimentos técnicos e profissionais sugeridos foram bem selecionados, sendo que o desafio não está na seleção dos conteúdos e sim no "como" eles serão desenvolvidos, a partir de exemplos e situações específicas da modalidade, de forma aplicada e adequada ao contexto da iniciação e rendimento esportivo.

Entende-se que o profissional do esporte mobiliza seus conhecimentos, consegue aplicá-los em sua atuação profissional e todas as suas ações são pautadas em seus valores e princípios, ou seja, envolve mais do que conhecimentos e vivências específicas do handebol.

Assim, acredita-se na necessidade da inclusão de conteúdos para o desenvolvimento de competências gerais para os profissionais do esporte, com

conteúdos para o estímulo e o desenvolvimento de habilidades e atitudes profissionais a partir de um perfil profissional definido pela CBHb.

O desenvolvimento das habilidades poderia ter o foco nas relações interpessoais e intrapessoais, conforme a seguinte sugestão de temas:

- Habilidades interpessoais: comunicação oral e escrita, relacionamentos pessoais, gestão de pessoas, relação com a imprensa e motivação.
- Habilidades interpessoais: identificação da filosofia de trabalho, valores e princípios, crenças, liderança, autonomia, pensamento crítico e reflexivo, inovação e gerenciamento do desenvolvimento profissional.

Os conteúdos citados poderiam ser oferecidos em cursos de extensão oferecidos por IES cadastrados ou pela própria CBHb em parceria com as federações estaduais.

A ENAT também teria um sistema de equivalência para a aquisição das licenças, com a realização de exames teóricos e práticos, além da realização de estágios em equipes compatíveis com a licença requerida.

Acredita-se que a inclusão de tais conteúdos, a implantação da ENAT e outras ações citadas não sejam os únicos fatores responsáveis pela melhoria da qualidade dos profissionais, mas trata-se de uma ação relevante para iniciar um processo de desenvolvimento em longo prazo do handebol, não somente dos atletas, mas também dos profissionais envolvidos com o esporte.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSCHER, V.; KNOP, P.; BOTTENBURG, M.V.; SHIBLI, S. A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international sporting success. **European Sport Management Quarterly**, v.6,n.2,p.185-215, 2006

BRASIL.Ministério da Educação. Conselho Superior de Educação, Camara de educação Superior. **Parecer n 58, de 18 de fevereiro de 2004**. Brasília, DF, 2002. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2004/pcees058_04.pdf>. Acesso em 14/03/2014.

CAC, Coaching Association of. **Be a coach**, 2012. Disponível em <<http://www.coach.ca>> acesso em 14/11/2012.

———. Coaching Association of. **Advanced Coaching Diploma**, 2014. Disponível em <<http://www.coach.ca>> acesso em 14/03/2014.

CANADIAN SPORT FOR LIFE. **Long-Term Athlete Development** , 2014. Disponível em <<http://canadiansportforlife.ca>> acesso em 14/03/2014.

CASSIDY, T.; ROSSI, T. Situating learning: (Re)examining the notion of apprenticeship in coach education. **International Journal of Sports Science & Coaching**. v.1,n.3,p235-246, 2006.

CBHb, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do III Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2004.

———, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do IV Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2005.

———, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do V Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**.

Aracajú, 2006.

_____, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do VI Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2007.

_____, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do VII Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2008.

_____, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do VIII Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2009.

_____, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do IX Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2010.

_____, Confederação Brasileira de Handebol. **Relatório do X Encontro Nacional de Professores de Handebol das Instituições de Ensino Superior Brasileiras**. Aracajú, 2012.

-----, Confederação Brasileira de Handebol. **Estatuto Oficial**: Aracajú, 2014.

CÔTÉ, J. The Development of Coaching Knowledge. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.1, n.3, p.217-222, 2006.

CÔTÉ, J.; SALMELA, J.; TRUDEL, P.; BARIA, A. The Coaching Model: A Grounded Assessment of Expert Gymnastic Coach's Knowledge. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v.17, n.1, p.1-17, 1995.

CUNHA, G.B; ,ESQUITA, I.M.R.; ROSADO, A.F.B.; PEREIRA, P. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de futebol em função de sua experiência e nível de formação. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.4, p. 931-

941, 2010.

CUSHION, C. Coaching Research and Coach Education: do the sum of the parts equal the whole? (Part 1). Column: The New P.E. & Sports Dimension, 3 September, 2001. [Online]: <http://www.sports-media.org/Sportapolinewsletter4.htm>

DHB, Deutscher Handballbund. **Ausbildungsplan C-Trainer**. Dortmund, 2014.

_____, Deutscher Handballbund. **Ausbildungsplan B-Trainer**. Dortmund, 2014.

_____, Deutscher Handballbund. **Ausbildungsplan B/C Trainer**. Dortmund, 2014.

_____, Deutscher Handballbund. **Ausbildungsplan A-Trainer**. Dortmund, 2014.

ERICKSON, K. CÔTÉ, J. THOMAS, J.F. Sport experiences, milestones, and educational activities associated with high-performance coaches' development. **The Sport Psychologist**. v.21,p.302-316, 2007.

ESPANHA. Real Decreto 361/2004, de 5 de marzo, por el se establecen ls títulos de Técnico Deportivo y Técnico Deportivo Superior en Balonmano. **Boletim Oficial del Estado**, n.71, p.12438, 2004.

FERREIRA, S.M.B., SCHYNEYDER, A. R., SILVA, A.P.T., SANTOS, E. R. F., RIBEIRO, I. S., FERREIRA, V. E. O. Hábito de leitura dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Católica de Brasília. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. v.12,n.4, p. 75-81, 2004.

GOMES, R.E.; ISIDRO, A.S.M.; BATISTA, P.M.F.; MESQUITA, I.M.R.. Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: Um estudo com treinadores Portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. **Revista da Educação Física/ UEM**. Maringá, v.22, n.2, p.185-195, 2011.

GRECO, P.J. Desafios dos estágios nos cursos de bacharelado em Educação

Física: a questão dos esportes coletivos. In: Nascimento, J.V; FARIAS, G.O.; **Construção da Identidade Profissional em Educação Física: da formação à intervenção**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2012.

GRECO, P.J; ROMERO, J.J.F. **Manual de handebol: Da iniciação ao alto nível**. São Paulo: Ed. Phorte, 2012

HENRY, F.M. Physical education: an academic discipline. **JOhPER**, v.35, p.32-8; 69, 1964.

_____. The academic discipline of physical education. **QUEST**, V.29, P.13-29, 1978.

ICCE, International Council for Coaching Excellence. **ICCE Events**, 2013. Disponível em <<http://www.icce.ws/events.html>> acesso em 14/11/2014.

ICCE e ASOIF, International Council for Coaching Excellence; Association of Summer Olympic International Federations. **Sport Coaching Framework**. Illinois: Human Kinetics, 2012.

IRWIN, G.; HANTON, S.; KERWIN, D. G. Reflective practice and the origins of elite coaching knowledge. **Reflective Practice**, v.5, n.3, p.425-442, 2004.

JONES, R.L.; ARMOUR, K.M.; POTRAC, P. Constructing Expert Knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. **Sport, Education and Society**, v.8, n.2, p.213-229, 2003.

JONES, R.L., ARMOUR, K.M., & POTRAC, P. **Sports coaching cultures: From practice to theory**. London: Routledge, 2004.

LA BELLE, T.J.; Formal, nonformal and informal education: A holistic perspective on lifelong learning. **International Review of Education**. v.28,n.2, p.159-175.

LEGG, D.; BOSSCHER, V; BINGHAM, J.; SHIBLI, S.; BOTTENBURG, M.; DE KNOP, P. How Does Canada Stack Up: Comparing Canada's Sport Policies to Five Other Nations. **Coaches Plan**, v.15, n.04, Winter 08/09, p.22-26.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P. DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**. v.21,p.191-209, 2007.

LYLE, J. **Sports Coaching Concepts: A framework for coaches' behaviour**. London, Routledge, 2002

LIMA, J.R.P. Caracterização acadêmica e profissional da educação física. **Revista Paulista de Educação Física**, v.8, p.54-67, 1994.

MALETE, L.; FELTZ, D.L. The effect of a coaching education program on a coaching efficacy. **The Sport Psychologist**, n.14, p.410-417, 2000.

MALLET,C.;TRUDEL,P.; LYLE, J.; RYNNE,S.B. Formal vs. informal Coach Education. **International Journal of Sports Science & Coaching**. V.4, n.3, p 325-334, 2009.

MESQUITA, I.; ISIDRO, S.; ROSADO, A. Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. **Journal of Sports Science and Medicine**, n.9, p. 480-489, 2010.

MISENER, K.E.; DANILCHUK, K.E. Coaches's perceptions os Canada's National Coaching Certification Program (NCCP): Awareness and value. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n.2 p.233-243, 2009.

MOON, J. A. **A handbook of reflective and experiential learning: Theory and practice**. London: Routledge Falmer, 2004.

MOURA, E.S., MATSUDO, S.M., ANDRADE, D.R., Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU. **Revista**

Brasileira de Ciência e Movimento. n.9, v.2, p. 29-37, 2001.

NASH, C.; SPROULE, J. Insights into experiences: reflections of an expert and novice coach. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 6, n.1 p.149-161, 2011.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualization. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, p.247-259, 2006.

NUNOMURA, M. Will a systematic Coach Education program move us forward or backwards? **In Proceedings: Asia ICCE Conference**. Seoul, 7-9 November, p.1-6, 2008.

OLIVEIRA, V.M. O que é Educação Física ? **Artus: Revista de Educação Física e Desportos**, v.7, n. 12/14, 1984

RYNNE, S.B.; MALLETT, C. TINNING, R. High performance sport coaching: institutes of sport as sites for learning. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, p.223-234, 2006.

SAURY, J., & DURAND, M. Practical coaching knowledge in expert coaches: On-site study of coaching in sailing. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 69, 254- 266, 1998.

SANTOS, A.S.F.M.; MESQUITA, I.M.R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função de sua formação e experiência. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. v.12,n.4,p.275-281, 2010.

SANTOS SILVA, S. A. P. S. Desenvolvimento do pensamento crítico – criativo e os estágios curriculares na área de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2003; 11(3): 37-44.

_____. A atuação esporte e seus desafios à formação profissional. In: Nascimento,

J.V; FARIAS, G.O.; **Construção da Identidade Profissional em Educação Física: da formação à intervenção**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2012.

SILVA, S.A.P.S.; SOUZA, C.A.F.; CHECA, F.M. Situação do estágio supervisionado em IES privadas da grande São Paulo. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.3 p.682-688, jul./set. 2010

STEINHILBER, J. Licenciatura e/ou Bacharelado: Opções de graduação para intervenção profissional. **Revista Educação Física**, ano VI, n. 19, 2006.

UEZU, R; GRECO, P.J. Handebol. In: BÖHME, M.T.S. **Esporte infanti juvenil: O treinamento a longo prazo e o talento esportivo**. São Paulo, Ed. Phorte, 2011.

TANI, G. Cinesiologia, educação física e esporte: ordem emanante do caos na estrutura acadêmica. **Motus Corporis**, v.3, p. 9-48, 1996.

_____. Avaliação das condições de ensino de graduação em Educação Física: Garantia de uma formação de qualidade. **Revista Mackenzie de Educação Física**, v.6, n.2,p55-70, 1997.

_____. Atividades de pesquisa na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: passado, presente e futuro. **Revista Paulista de Educação Física, número especial comemorativo aos 30 anos de incorporação pela Universidade de São Paulo**, v. 13, p. 20-35, 1999.

_____. **Leituras em Educação Física**. São Paulo, Phorte Editora, 2011,

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. In: KIRK, D.; O'SULLIVAN, M.; Mc DONALD, D. (eds.) **Handbook of physical education**, Sage, London, 2006.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A New Theoretical Perspective for Understanding How Coaches Learn to Coach. **The Sport Psychologist**, v.20, p.198-212, 2006.